

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 109

R\$ 3,00

OUTUBRO 2007



MARIA

M
EDITORA
AVE-MARIA



www.ave maria.com.br/revista

CÍRIO DE NAZARÉ - RAINHA DA AMAZÔNIA

Nossa Senhora do Rosário

(7 de outubro)

Nossa Senhora do Rosário,
daí a todos os cristãos a graça
de compreender a grandiosidade
da devoção do santo rosário,
na qual, à recitação da ave-maria,
se junta profunda meditação
dos santos mistérios da vida,
morte e ressurreição de Jesus,
vosso Filho e nosso Redentor.

São Domingos, apóstolo do rosário,
acompanhai-nos com vossa bênção
na recitação do terço,
para que, por meio dessa devoção a Maria,
cheguemos mais depressa a Jesus;
e, como na batalha de Lepanto,
Nossa Senhora do Rosário
nos leve à vitória em todas as lutas da vida.

*Esta devoção se reporta à vitória cristã sobre os turcos em Lepanto. Na época, 1571, o papa Pio V conclamou os cristãos para que rezassem o rosário, pedindo à virgem Maria a vitória. Para comemorar o fato, Pio V estabeleceu anualmente uma celebração de ação de graças em honra a Nossa Senhora da Vitória. São Domingos (1170-1221), por sua vez, propagou, por intermédio de seus frades pregadores, a reza do terço. (Extraído do livro: **Os cinco minutos dos santos**, J. Alves, Editora Ave-Maria, 3ª edição)*

A missão pressupõe a oração

“Não cessamos de dar graças a Deus por todos vós, e de lembrar-vos em nossas orações” (1 Tessalonicenses 1,2)



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.

Direção Editorial: Luís Erlin

Administração: Hely Vaz Diniz

Redação: Adelino D. Coelho, Avelino S. de Godoy

Conselho de redação: Antonia P. Simon; Cleber F. Francisco; Marcia Alves e Isabel Ferrazoli

Assinaturas: Geraldo José Canezin

Impressão: Gráfica Ave-Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 88, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06833-070 - (11) 4785-085.

www.avemaria.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Rua Martim Francisco, 636 - 2º andar
CEP 01226-000 - São Paulo, SP
Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou
revista@avemaria.com.br

DIVULGAÇÃO

Djailton Carvalho: (11) 3823-1060
Fax (11) 3663-3491
sacrevista@avemaria.com.br

ASSINATURA

Apenas R\$ 30,00 ao ano.

Ligue grátis: 0800-555-021

De todo o Brasil (de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h45)

Com Ana Millani ou Rose Andrade.

ou pelo e-mail:

assinaturas@avemaria.com.br

ou ainda nas livrarias Ave-Maria.

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

A REVISTA AVE MARIA NA INTERNET:

www.avemaria.com.br/revista



A capa deste mês:
Cartaz das celebrações do Círio de Nazaré, Belém do Pará.

Estimados leitores e membros da grande família *Ave Maria*, o mês de outubro é de fundamental importância para nós, missionários claretianos, que administramos essa obra de evangelização. Dia 24 celebramos nosso fundador, santo Antônio Maria Claret, que já no século 19 via na imprensa um método urgente, oportuno e eficaz de anunciar a palavra de Deus.

Neste mês missionário, gostaríamos de que cada cristão procurasse viver concretamente a consagração batismal. Somos chamados, neste novo tempo, por meio do documento do V Celam, a intensificar nossa missão de agentes do Evangelho. O primeiro passo para que renasça uma Igreja missionária é a fidelidade e a constância na oração, a intimidade com quem nos chama e envia, o próprio Jesus.

Todos nós da equipe *Ave Maria* rezamos por você, leitor, por suas famílias e necessidades. Que Claret, no ano do bicentenário de seu nascimento, continue intercedendo a Deus por nós.

Seja Deus a nossa força!

Pe. Luís Erlin, cmf

109 anos atrás

BORBOLETEANDO...

As populações do sertão do Ceará es-tortegam-se nas garras aduncas da secca ou correm espavoridas em busca de outros climas. Entretanto lemos nas notícias daquele Estado que o respectivo governador dá banquetes!

Quem descobrirá um remédio contra os microbios que estão derretendo os miolos de tanta gente?

É o caso de dizer-se, como os nossos "caipiras": Senhora da Aparecida/Rainha do "céo celeste", / Pedi a vosso Benito Filho / Que nos livre desta peste.

Papilio Alexano 'R



Ave, Maria, / Cheia de graça! / Em cada dia / Que vem, que passa, / Minh'alma implora / Avós, Senhora! — Comvosco estou / Sempre o Senhor, / Que o pão nos dá / Por vosso amor. / Nossa alegria / Vós sois, Maria! — Bem-dicto é o fruto / De vosso ventre. / Na terra eu lucto, / Mas dá que eu entre / Com vossa guia / No céo, Maria! / Amen, Jesus, / Em vós gerado, / Morto na Cruz, / Quando o peccado / Em nós remia, / Por vós, Maria! J. de Alencar

(Trecho tirado da Seção "Borboleteando" da revista Ave Maria, Ano I, número 11, de 15 de outubro de 1898)

Principais temas abordados nesta edição:



Missão da Igreja, evangelizar

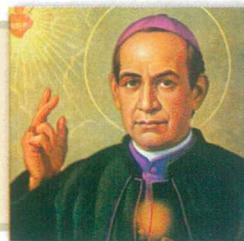
V Conferência Geral do Episcopado L. A.

página 9

Claret e sua grande família

TESTEMUNHOS

página 10



Biodiversidade: por que mantê-la

Maria Ângela Cabianca

página 24

Agora e na hora de nossa morte...

Nilton César Boni

página 28



O canto ao longo do ano litúrgico

Irmã Míria T. Kolling

página 31

Demais assuntos:

- ESPAÇO DO LEITOR - p. 6 ● CONFERÊNCIA DE APARECIDA - p. 7 ● Missão dos batizados - p. 14 ● Santos do mês de outubro - p. 15 ● Manual dos Missionários Leigos - p. 16 ● O amor de Deus não medido - p. 17 ● Redescobrimo o método "ver, julgar e agir" - p. 18 ● LITURGIA DA PALAVRA - p. 19 ● Além das aparências - p. 25 ● CATEQUESE - p. 26 ● A PALAVRA É... - p. 27 ● MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR - p. 29 ● Lamaçal - p. 30 ● PASTORAL FAMILIAR. - p. 32 ● VIVÊNCIA CRISTÃ. - p. 33 ● MEU LAR - p. 34 ● VAMOS COZINHAR?! - p. 35 ● PÁGINA INFANTIL - p. 36.

LANÇAMENTO DE LIVRO DA EDITORA AVE-MARIA

A Editora Ave-Maria promoveu o lançamento do livro "Olhai os lírios do campo" do pe. Luís Erlin em diversas livrarias de sua rede, visando a divulgação do livro e um contato mais próximo com os seus clientes.

A primeira loja contemplada com essa novidade foi a Livraria Ave-Maria de Santo André, SP, no dia 25 de julho passado e o resultado foi muito produtivo e festivo, abrilhantado pelo conjunto musical "Toque de Deus" da Igreja de São Francisco, em São Bernado do Campo, SP. O envolvimento e a alegria dos seus funcionários, sob a orientação de sua gerente, contribuíram para o êxito da festa.

Um segundo lançamento do livro aconteceu



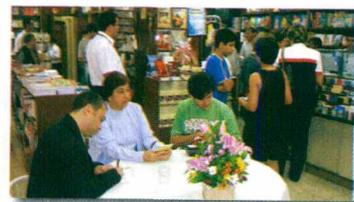
Livraria Ave-Maria de Santo André, SP.



Pe. Luís Erlin (camisa azul) juntamente com funcionários da Livraria Ave-Maria de Salvador.

em Salvador, Bahia, no dia 4 de agosto, contando com a presença do bispo auxiliar daquela capital d. Josafá Menezes da Silva. A expectativa de se repetir com um outro lançamento ficou marcante para todos os que participaram.

E no dia 25 de agosto o pe. Luís Erlin promoveu outra manhã de autógrafos de sua obra "Olhai os lírios do Campo" na Livraria de São Paulo, capital. O conjunto "Toque de Deus" também esteve presente para dar o ar festivo que a música traz. O pe. Jaime Sanchez, provincial e alguns outros membros da congregação claretiana prestigiaram o lançamento daquela livraria. Mais uma vez o sucesso do acontecimento foi grande.



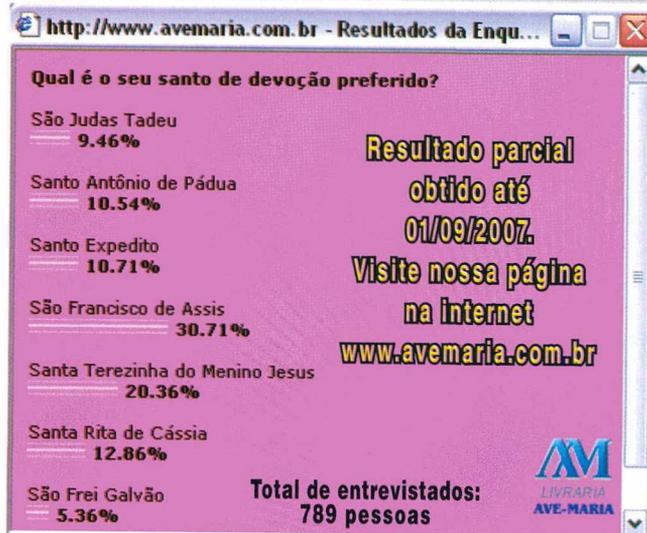
Livraria Ave-Maria de São Paulo, SP.

XXIII Jornada Mundial da Juventude

Acontecerá em Sydney, Austrália, em julho de 2008. Terá como tema: "Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas" (At 1,8). O fio condutor da preparação espiritual para o encontro de Sydney é o Espírito Santo e a missão.

Será uma ocasião providencial para experimentar plenamente o poder do Espírito Santo. Ao virem em grande número, sereis sinal de esperança e sustento precioso para as comunidades da Igreja na Austrália, que estão se preparando para vos receber. Para os jovens do país que os hospedará, será uma extraordinária oportunidade de anunciar a beleza e a alegria do Evangelho a uma sociedade sob muitos aspectos secularizada. Como toda a Oceânia, a Austrália tem necessidade de descobrir novamente as suas raízes cristãs.

PESQUISA DE OPINIÃO



Vamos rezar juntos

Os funcionários da Editora Ave-Maria se reuniram no dia 17 de agosto, às 7h30, para celebrar a Missa de ação de graças do mês de agosto. Participaram os padres: Cláudio Gregianin, Américo Romito, Maciel M. Claro, João B. Monteiro e os irmãos: Hely Vaz Diniz, Antônio de O. Santos Filho e Joaquim Dias de Castro e os funcionários da Editora Ave-Maria. Foram lembrados nas intenções da missa os nossos assinantes e, em especial, as intenções das pessoas que nos escreveram solicitando orações: — Carmelícia Oliveira, Salvador, BA; Maria Albertina dos Santos, São Paulo, SP; Vera Olímpia Epifânio, Divinópolis, MG; Roberto de Toledo Ribeiro, Praia Grande, SP; Renata e Armando, João Pessoa, PB; Rinaldo Souza e família, Itabuna, BA; Heloisa Brescia, São Paulo, TO; Antônio de Pádua Silva, Pará de Minas, MG; Franque da Silva Lima, Salvador, BA.

Convidamos todos a se unirem conosco a esse ato de ação de graças pelos nossos entes queridos, vivos e falecidos. **Enviem-nos suas intenções de pedido de oração para:**

revista.site@avemaria.com.br ou revista Ave Maria - Rua Martim Francisco, 636 - CEP: 01226-000 - São Paulo, SP.



Para a Ave Maria – Redação

Minha mãe era assinante da revista *Ave Maria*. A mesma chegava para ela em nome de minha saudosa avó: Carolina Teodoro da Silva. Sempre aguardo a chegada desta revista, pois adoro lê-la. Após a morte de minha mãe, resolvi continuar assinando-a, o que já providenciei.

Quero, portanto, que publiquem este momento, já que ficarei imensamente feliz e agradecida.

Maria Helena R. dos Santos Paula, Sabará, MG

Nossa resposta

Agradecemos seu testemunho e incentivo aos demais irmãos de mesma caminhada, mas que algumas vezes se sentem inclinados ao desânimo. Felicitações!

Pe. Luís Erlin, graça e paz!

Gostaria de parabenizá-lo por sua participação na edição da revista *Ave Maria*. Temos acompanhado, por isso podemos ressaltar com segurança a melhora nas capas marianas e conteúdos.

Que Deus nosso Senhor abençoe sua caminhada e que você possa sempre contar com a intercessão de santo Antônio Maria Claret.

Irmã Rejane Moehlecke

Nossa resposta

É um esforço contínuo de nossa parte transmitir o que de melhor temos aos nossos leitores. Nosso objetivo é que a evangelização seja plena e proveitosa para o crescimento de cada pessoa que passa pelas páginas de nossa revista, segundo os desejos do próprio Claret, nosso fundador e guia.

Gostaria de saber como posso adquirir, já que sou assinante, as edições passadas dos meses de janeiro e fevereiro/2007. Por favor, pronunciem-se com certa urgência como devo proceder porque gosto muito da minha religião e de ser assinante desta revista maravilhosa. Sou "cliente vip" da Editora, só em ler uma edição fico feliz. Peço retorno o mais rápido possível. Agradeço muito.

Joana Angélica dos Santos Assis, Salvador, BA

Nossa resposta

Já providenciamos o envio do seu pedido. Agradecemos as palavras. Continue conosco espalhando essa boa-nova.

Saudações,

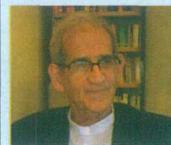
Quero dizer que é uma alegria muito grande receber a

revista *Ave Maria* em minha casa. Não escrevi antes, talvez, porque não era o momento. Gosto muito de tudo. E o que dou mais atenção é quando se fala de Maria, pois foi através dela que aprendemos a amar a Deus e a Jesus sobre todas as coisas. Ela não abandonou Jesus em nenhum momento, nem mesmo na dor do Calvário. Ela estava lá e eu sei que conosco não é diferente. Ela está presente sempre na nossa vida. Que Maria santíssima seja sempre nossa guia.

Maria Albertina dos Santos, São Paulo, SP

Nossa resposta

*Maria Albertina, sua fé é muito grande pelo modo como se expressa ao falar de Maria, mãe de Jesus. A revista *Ave Maria* tem sido veículo de transmissão dessa mensagem para todos os que a lêem desde 1898, ou seja, há 109 anos. Continue conosco neste caminho incansável de divulgação da nossa fé.*



Correção da edição de setembro

D. Walter Ivan de Azevedo foi sagrado bispo de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, em 1986.

ASSINANTE EM FESTA

Em Caetanópolis, MG, **Aquiles Alves das Neves** comemorou 81 anos, dia 28 de julho. É assinante da revista há 35 anos.

Em Brasópolis, MG, **Dagmar de Oliveira Ribeiro** e **Francisco Crescêncio** completaram em 8 de setembro de 2007, 47 anos de casados.

NA PAZ DO SENHOR

Em Sabará, MG, **Maria Divina Rodrigues**, aos 12 de maio de 2007, com 83 anos.

Em Campinas, SP, **Ana da Silveira**, aos 13 de março de 2007, com 82 anos.

Em Belo Horizonte, MG, **Horizontina Silva**, aos 10 de dezembro de 2006, com 92 anos.

Em Leopoldina, MG, **Ruth Costa Rebouças**, aos 14 de junho de 2007.

Em Varginha, MG, **Maria Teixeira Tavares**, aos 9 de abril de 2005 com 83 anos. Foi assinante da revista por mais de 20 anos.



Prezado leitor, este espaço é reservado para você expressar sua opinião. Escreva-nos!

Resumo do documento final da V Conferência Geral de Aparecida

30 de maio de 2007



Foto: cmb

Os bispos, reunidos na V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, querem impulsionar com o acontecimento celebrado junto a Nossa Senhora Aparecida, no espírito de um novo Pentecostes e com o documento final, que resume as conclusões de seu diálogo, uma renovação da ação da Igreja. Todos os seus membros são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida nele. Fundamentados no Concílio Vaticano II e nas conferências anteriores, os bispos refletiram sobre o tema: **Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos nele tenham vida.** — *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida* (Jo 14,6) —, e procuraram traçar em comunhão linhas comuns para prosseguir a nova evangelização em nível regional.

Eles expressam, junto com o papa Bento XVI, que o patrimônio mais valioso da cultura de nossos povos é 'a fé em Deus amor'. Reconhecem com humildade as luzes e as sombras que há na vida cristã e na ação eclesial. Querem iniciar uma nova etapa pastoral nas atuais circunstâncias históricas, marcadas por um forte ardor apostólico e um maior compromisso missionário para propor o evangelho de Cristo como caminho à verdadeira vida que Deus oferece aos homens. Em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens, assumem 'a grande tarefa de custodiar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste continente que em virtude do seu ba-

tismo são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo' (Bento XVI, discurso inaugural, 3). Os bispos se propuseram renovar as comunidades eclesiais e as estruturas pastorais para encontrar as mediações da transmissão da fé em Cristo como fonte de uma vida plena e digna para todos, para que a fé, a esperança e o amor renovem a existência das pessoas e transformem as culturas dos povos.

Nesse contexto e com esse espírito, oferecem suas conclusões abertas no Documento Final. O texto tem três grandes partes que seguem o método de reflexão teológico-pastoral 'ver, julgar, agir'. Assim, olha-se a realidade com os olhos iluminados pela fé e um coração cheio de amor, proclama-se com alegria o Evangelho de Jesus Cristo para iluminar a meta e o caminho da vida humana, e busca-se, mediante um discernimento comunitário aberto ao sopro do Espírito Santo, linhas comuns de uma ação realmente missionária, que ponha todo o Povo de Deus num estado permanente de missão. Esse esquema tripartite está alinhavado por um fio condutor em torno à vida, em especial a vida em Cristo, e está tecido transversalmente pelas palavras de Jesus, o Bom Pastor: *Eu vim para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância.* (Jo 10,10)

A primeira parte se intitula: 'A vida de nossos povos'. Aí se considera, brevemente, o sujeito que olha a realidade e que bendiz a Deus por todos os dons recebidos, em especial, pela graça, a fé que o fez seguidor de Jesus e pela alegria de participar da missão eclesial. Esse primeiro capítulo, que tem o tom de um hino de louvor e ação de graças, denomina-se: 'Os discípulos missionários'. Imediatamente segue o capítulo segundo, o maior desta parte, intitulado 'Olhar dos discípulos missionários sobre a realidade'. Com um olhar teológico e pastoral, o texto considera, com acuidade, as grandes mudanças que estão sucedendo em nosso continente e no mundo, e que interpelam a evangelização. Analisam-se vários processos históricos complexos e em curso nos níveis sócio-cultural, econômico, sócio-político, étnico e ecológico, e se discernem grandes desafios como a globalização, a injustiça estrutural, a crise na transmissão da fé e outros. Aí se postulam muitas realidades que afetam a vida cotidiana de nossos povos. Nesse contexto, considera-se a difícil situação de nossa Igreja nesta hora de desafios, fazendo um balanço dos sinais positivos e negativos.

Com a segunda parte, a partir do olhar sobre o hoje da América Latina e o Caribe, entra-se no núcleo do tema. Seu título é: 'A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários'. Indica a beleza da fé em Jesus Cristo como fonte de vida para os homens e as mulheres que se unem a ele e percorrem o caminho do discipulado missionário. Aqui, tomando como eixo a vida que Cristo nos trouxe, são tratadas, em quatro capítulos sucessivos, grandes dimensões inter-relacionadas que concernem aos cristãos como discípulos missionários de Jesus Cristo. A alegria de ser chamados para anunciar o evangelho com todas as suas repercussões como 'Boa Notícia' na pessoa e na sociedade (cap. 3); a vocação à santidade que recebemos os que seguimos a Jesus ao ser configurados com ele e animados pelo Espírito Santo (cap. 4); a comunhão de todo o Povo de Deus e de todos no Povo de Deus, contemplando a partir da perspectiva de discípula e missionária os distintos membros da Igreja com suas vocações específicas, e o diálogo ecumênico, o vínculo com o judaísmo e o diálogo inter-religioso (cap. 5); Finalmente, se aborda um itinerário para os discípulos missionários que considera a riqueza espiritual da piedade popular católica, uma espiritualidade trinitária, cristocêntrica e mariana de estilos comunitário e missionário, e variados processos formativos, com seus critérios e lugares segundo os diversos fiéis cristãos, prestando especial atenção à iniciação cristã, à catequese permanente e à formação pastoral (cap. 6). Aqui se encontra uma das novidades do documento que busca revitalizar a vida dos batizados para que permaneçam e caminhem no seguimento de Jesus.

A terceira parte entra plenamente na missão atual da Igreja Latino-americana e Caribenha. Conforme o tema, é formulada com o título: 'A vida de Jesus Cristo para nossos povos'. Sem perder o discernimento da realidade nem os fundamentos teológicos, aqui se consideram as principais ações pastorais com um dinamismo missionário. Num núcleo decisivo do documento, se apresenta a missão dos discípulos missionários a serviço da vida plena, considerando a vida nova que Cristo nos comunica no discipulado e nos chama a comunicar na missão, porque o discipulado e a missão são como as duas faces de uma mesma moeda. Aqui se desenvolve uma grande opção da Conferência: converter a Igreja em uma comunidade mais missionária. Com esse fim, se fomenta a conversão pastoral e a renovação missionária das igrejas particulares, das comunidades eclesiais e dos organismos pastorais. Aqui se impulsiona uma missão continental que teria por agentes as dioceses e os episcopados (cap. 7). Na seqüência, se analisam alguns âmbitos e algumas prioridades que se quer impulsionar na missão dos discípulos entre nossos povos na aurora do terceiro milênio. Em 'O Reino de Deus e a promoção da dignidade humana' se confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos que se remete a Medellín, a partir do fato de que, em Cristo, Deus se fez pobre para

enriquecer-nos com sua pobreza; se reconhecem novos rostos dos pobres (por exemplo, os desempregados, migrantes, abandonados, enfermos e outros) e se promove a justiça e a solidariedade internacional (cap. 8). Sob o título: 'Família, pessoas e vida', a partir do anúncio da Boa Nova da dignidade infinita de todo ser humano, criado à imagem de Deus e recriado como filho de Deus, se promove uma cultura do amor no matrimônio e na família, e uma cultura do respeito à vida na sociedade; ao mesmo tempo, deseja-se acompanhar pastoralmente as pessoas em suas diferentes condições de criança, jovens e idosos, de mulheres e homens, e se fomenta o cuidado do meio ambiente como casa comum (cap. 9).

No último capítulo, intitulado 'Nossos povos e a cultura', continuando e atualizando as opções de Puebla e de Santo Domingo pela evangelização da cultura e a evangelização inculturada, — são abordados desafios pastorais da educação e a comunicação, os novos aréopagos e os centros de decisão, a pastoral das grandes cidades, a presença dos cristãos na vida pública, especialmente o compromisso político dos leigos por uma cidadania plena na sociedade democrática, a solidariedade com os povos indígenas e afro-descendentes, e uma ação evangelizadora que aponte caminhos de reconciliação, fraternidade e integração entre nossos povos, para formar uma comunidade regional de nações na América Latina e no Caribe (cap. 10).

Com um tom evangélico e pastoral, uma linguagem direta e propositiva, um espírito interpelante e alentador, um entusiasmo missionário e esperançado, uma busca criativa e realista, o Documento quer renovar em todos os membros da Igreja, convocados a ser discípulos missionários de Cristo, 'a doce e confortadora alegria de evangelizar' (EN 80). Remando os barcos e lançando as redes mar a dentro, deseja comunicar o amor do Pai que está no céu e a alegria de ser cristãos a todos os batizados e batizadas, para que proclamem com audácia Jesus Cristo a serviço de uma vida em plenitude para nossos povos. Com as palavras dos discípulos de Emaús e com a oração do Papa em seu discurso inaugural, o Documento conclui com uma prece dirigida a Jesus Cristo: *Fica conosco porque é tarde e o dia declina.* (Lc 24,29)

Com todos os membros do Povo de Deus que peregrina pela América Latina e Caribe, os discípulos missionários encontram a ternura do amor de Deus refletida no rosto da virgem Maria. Nossa mãe querida, a partir do Santuário de Guadalupe, faz sentir a seus filhos pequeninos que estão sob seu manto, e, a partir daqui, em Aparecida, nos convida a deixar as redes para aproximar a todos de seu Filho, Jesus, porque Ele é *o Caminho, a Verdade e a Vida* (Jo 14,6), só ele tem *palavras de vida eterna* (Jo 6,68), e ele veio para que todos *tenham vida e a tenham em abundância.* (Jo 10,10)

Missão da Igreja, evangelizar



V CONFERENCIA GENERAL
DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE

Os povos da América Latina e Caribe vivem, hoje, uma realidade marcada por grandes transformações que afetam profundamente suas vidas. Como discípulos de Jesus Cristo, sentimo-nos interpelados a discernir os “sinais dos tempos”, à luz do Espírito Santo, para pôr-nos a serviço do Reino, anunciando Jesus, que veio para que todos tenham vida e “a tenham em plenitude” - Jo 10,10. (p.11)



<http://www.ceclam.info/component/option.com>

A história da humanidade, a que Deus nunca abandona, segue sob seu olhar compassivo. Deus amou tanto o mundo que nos deu seu Filho. Ele anuncia a boa notícia do Reino aos pobres e aos pecadores. Por isso, como discípulos de Jesus e missionários, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. Anunciemos aos povos que Deus nos ama, que sua existência não é uma ameaça para o homem, mas que está perto com o poder salvador de seu Reino; acompanha-nos na tribulação; alimenta incessantemente nossa esperança diante de tantas provações. Como cristãos, somos portadores da boa notícia para a humanidade e não, profetas da desventura. (p. 9)

A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35-36). Ele, sendo o Senhor, fez-se servo e obediente até a morte na cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a lição sublime de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6, 20; 9,58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforge, sem pôr nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (cf. Lc 10, 4ss). Na generosidade dos missionários, se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos, aparece a gratuidade do Evangelho.

No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto de dor e glorioso, pode-

mos ver com o olhar da fé sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus.

A alegria que recebemos no encontro com Jesus Cristo, a quem reconhecemos como o Filho de Deus encarnado e redentor, desejamos que chegue a todos os homens e mulheres feridos pela adversidade; desejamos que a alegria da boa notícia do reino de Deus, de Jesus Cristo vencedor do pecado e da morte, chegue a todos quantos jazem à beira do caminho pedindo esmola e compaixão (cf. Lc 10,29-37; 18,25-43).

A alegria do discípulo é antídoto diante de um mundo atemorizado pelo futuro e envolvido pela violência e o ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, senão uma certeza que brota da fé, que tranqüiliza o coração e capacita para anunciar a boa notícia do amor de Deus. Conhecer Jesus é a melhor alegria que uma pessoa pode receber; poder encontrá-lo é o melhor que nos pode acontecer na vida, e fazê-lo ser conhecido com nossa palavra e obra é nossa alegria maior. (p.19)

Daqueles que vivem em Cristo, se espera um testemunho mais verdadeiro de santidade e compromisso. Desejando e procurando essa santidade não vivemos menos, senão melhor, porque quando Deus pede mais, é porque está oferecendo muito mais: “Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada e lhes dá tudo”. (p. 84-85)

Trechos do documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e Caribe, realizada entre 13 e 31 de maio de 2007.

Santo Antônio e sua gran

No dia 23 de dezembro, celebraremos os 200 anos de nascimento de santo Antônio Maria Claret. Por isso, já neste mês em que se comemora sua festa no calendário da Igreja, dia 24, publicamos alguns depoimentos de vida claretiana. Pessoas que descobriram o sentido de viver um ideal evangélico, segundo o estilo do santo do século XIX, Claret. *Lá num canto do mundo te estendi a mão e te chamei dos confins da terra, eu te disse: Tu és o meu servo, eu te escolhi e não te deixei.* (Is 41,9 - em *Santo Antônio Claret por ele mesmo*, pe. Elias Leite, Editora Ave-Maria, p. 56)



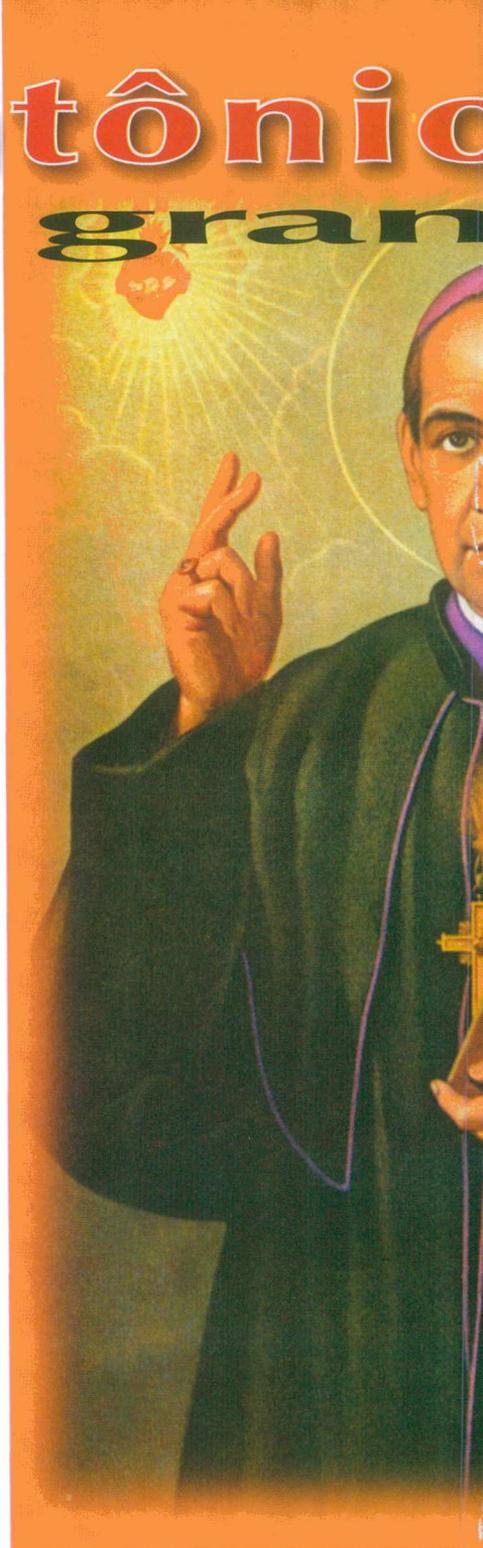
Irmã Vilma Maria Bernardino

Sou religiosa, atualmente trabalho na secretaria da Província e na animação missionária, em Guarulhos, SP. Conheci Claret quando ingressei na Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret – Missionárias Claretianas – aos doze anos. Posso dizer que foi amor à primeira vista. Tínhamos sempre em mãos um livrinho escrito por d. Geraldo Fernandes (nosso fundador) sobre a vida de Claret. Tudo daquele opúsculo me chamava a atenção. A descoberta de que Claret, com apenas 5 anos, pensava na eternidade e nas almas que se perdem para sempre foi fantástica. Despertou em mim o zelo missionário e a preocupação por levar aos nossos irmãos a Palavra do Evangelho — que perdura até hoje —, fazendo-me transpor cidades, estados e países, procurando abrir o caminho aos irmãos para que possam desfrutar eternamente a paternidade de Deus. Outra experiência que recebi de Claret é o forte amor à Eucaristia: “Ó Claret, ‘sacrário vivo da Divina Eucaristia’, o amor apaixonado por Jesus no sacramento eucarístico é a força que me faz manter viva e luzente a vontade de servir o Reino até a morte. Obrigada, pai Claret!”



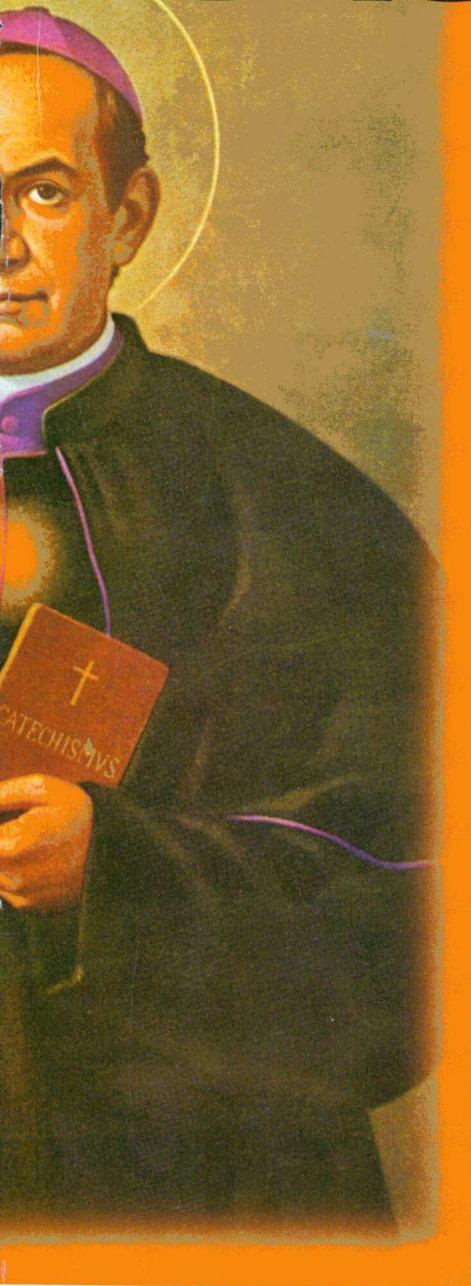
Antônio de Oliveira Santos Filho

Sou irmão religioso da Congregação dos Filhos do Imaculado Coração de Maria, (Claretianos). Nasci em Iretama, PR. Trabalho no arquivo da sede provincial, em São Paulo, SP. Minha profissão religiosa (votos solenes de castidade, obediência e pobreza) foi em 2003, em Borborema, SP. A escolha dessa cidade não foi por acaso. Lembro-me que por lá passava uma senhora que fazia a divulgação da revista *Ave Maria* e nas missas falava sobre a vida de Claret. Um dia, recebi a ligação do pe. Cláudio Beraba, cmf, promotor vocacional dos claretianos, convidando-me para participar de um encontro vocacional, em Rio Claro, SP. Foi a partir dessa convivência que descobri o quanto o amor de Deus para com seus filhos é incondicional. Vivencio hoje, na alegria e na fé, o carisma do serviço da Palavra, servindo e amando os outros sem limites. Nessa dimensão de amor, resgatando a dignidade humana e os valores do Evangelho, caminho na certeza de que tudo farei pela glória de Deus, pela santificação dos irmãos desta querida família claretiana e pela plena salvação do povo de Deus no mundo.



A CAR DE CRI IMPUL

o Maria Claret de família



IDADE
STO ME
SIONA

Irmã Antonia Pizarro

Religiosa de Maria Imaculada, Missionária Claretiana, sou argentina e resido em Pinhais, Curitiba, PR. Na escola das irmãs, iniciei meu trabalho, envolvida com grupo de jovens. Nessa caminhada, comecei meu conhecimento da vida de Claret, por seu espírito missionário, de família e de alegria. Sinal concreto para responder sem medo ao chamado de Deus. Tinha 28 anos. Descobri que os testemunhos de vida dos nossos fundadores, Claret e madre Paris, respondiam ao que procurava. Hoje, simplesmente, dou graças a Deus pela vida, pela vocação recebida. Os ideais de Claret são como a palavra de Deus, atuais para nosso tempo. Sempre que disponíveis ao Espírito, procuramos a glória de Deus e a salvação das pessoas. Como a oração de Claret: "Senhor, que eu te conheça e te faça conhecer; que eu te ame e te faça amar; que eu te sirva e te faça servir; que eu te louve e te faça louvar por todas as criaturas".



Francisco Firmino da Silva

Aposentado, missionário leigo, conheci os claretianos no ano de 1978, em Rio Claro, SP. Porém, a história de Claret propriamente, conheci em 1987, com o pe. José Weber, na Paróquia São José Operário, de Rio Claro. Nos anos seguintes, conheci o Movimento dos Leigos Claretianos em que me aprofundi mais e mais sobre o carisma de santo Antônio Maria Claret. Nossa primeira missão foi no Mato Grosso com pe. Ferreira, em 1996. Eu e minha esposa Maria José da Fonseca Silva dedicamos o nosso tempo no trabalho ao próximo, quando convidados para as missões claretianas, que eram os ideais de Claret. Faço um trabalho voluntário na Pastoral Juvenil Vocacional Claretiana junto com pe. Sidney T. da Silva, cmf.



Rodrigo Godoi Fiorini

Missionário claretiano, sacerdote. Resido em Pouso Alegre, MG, como formador no seminário menor da congregação. A primeira vez que ouvi o nome de Claret foi em 1990, durante um retiro da RCC, em que o pregador, pe. Roberto D. Rosalino, cmf, citava-o como exemplo de seguimento e configuração com Cristo. Depois, recebi uma autobiografia e, a partir daí, passei a ser seu admirador! Hoje, alegro-me por ser um de seus filhos! Para mim, Claret continua sendo o missionário exemplar, principalmente, estímulo para manter meu trabalho, fonte de entusiasmo na formação dos novos missionários, modelo de dedicação e amor a Deus e à sua Igreja. Buscando trilhar seus passos, utilizar seus princípios e atualizar seu carisma, realizo-me por ajudar outros jovens a descobrirem sua verdadeira vocação, lembrando-lhes sempre que a grande meta do claretiano é "evangelizar por todos os meios possíveis, do modo mais urgente, oportuno e eficaz!".





12 de outubro

A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi encontrada em 1717, no rio Paraíba, São Paulo, por alguns pescadores. Encarregados de garantir o almoço do conde de Assumar – então governador da província de São Paulo, que visitava a Vila de Guaratinguetá –, eles subiram o rio e lançaram as redes sem mui-

to sucesso próximo ao porto de Itaguaçu. Até que recolheram o corpo da imagem e, na segunda tentativa, trouxeram a cabeça. Durante 20 anos, o pescador Filipe Cardoso conservou a imagem em sua casa. Depois foi-lhe construída uma capelinha onde permaneceu por 143 anos até ser levada, em 1888, para a “Basílica Ve-

lha”. Em 1929, o papa Pio XI proclamava a santa como Rainha do Brasil e sua padroeira oficial. Em 1955 iniciou-se a construção da “Basílica Nova”. O arquiteto Benedito Calisto idealizou um edifício em forma de cruz grega, com 173 m de comprimento. Em 1980 a imagem foi entronizada na “Basílica Nova”, inaugurada por João Paulo II.



Nossa Senhora de Nazaré

2º domingo de outubro

A introdução da devoção à Senhora da Nazaré, no Pará, foi feita pelos padres jesuítas, no século XVII. Embora o culto tenha se iniciado no município de Vigia, a tradição mais conhecida relata que, em 1700, Plácido, um caboclo descendente de portugueses, andava pelas imediações do iga-

rapé Murutucu (área correspondente hoje aos fundos da Basílica) quando encontrou uma pequena estátua de Nossa Senhora da Nazaré, réplica da que se encontra em Portugal.

No início do ano de 1774, a imagem foi enviada a Portugal para ser restaurada. O seu retorno ocorreu em outu-

bro do mesmo ano, quando a imagem foi transportada do porto ao santuário pelos fiéis em romaria. Esse foi considerado o primeiro Círio, que etimologicamente designa uma vela grande de cera. Desde então, o Círio de Nazaré é realizado anualmente, no segundo domingo do mês de outubro.

Missão dos batizados

Adelino Dias Coelho

“Por que devemos participar da missa?”, perguntei aos meus companheiros no início de um encontro sobre a santa missa. “Porque é um mandamento da Igreja” disseram alguns. “Porque é o dia do Senhor”, disseram outros.

Aceitei as respostas porque encerrem verdades. Mas insisti para que procurássemos uma razão mais profunda. E fomos encontrá-la nas próprias palavras de Jesus quando disse a seus discípulos que repetissem: “...o sangue da nova e eterna aliança...”

Tais palavras nos endereçam ao nosso batismo. Quando fomos batizados, comprometemo-nos com Cristo a seguir o seu projeto de novidade de Vida. Ora, tal compromisso é ratificado pelo sangue de Cristo.

Lembre-mo-nos dos sacrifícios do Antigo Testamento. O sangue dos animais era aspergido sobre o povo, após este ter dito: “Sim! Faremos tudo o que Javé nos mandar”. Era o sangue da aliança feita pelo povo com o Senhor (cf. Êxodo, 24,7-8). Deus se unia a seu povo, prometendo-lhe fidelidade. O povo, por sua vez, dizia ao Senhor que aceitava os termos do “contrato” feito entre ele e Javé.

No Novo Testamento, não é mais o sangue de animais que sela nossa aliança com Cristo, mas seu

próprio sangue, presente em cada santa missa por nós celebrada. Dizemos a Jesus que aceitamos o que lhe prometemos no batismo e nos foi lembrado – agora, na missa – na Mesa da Palavra que antecede imediatamente à Mesa Eucarística.

Lá, na antigüidade, para completar o sacrifício, todos comiam das carnes assadas, oferecidas ao Senhor confirmando a aliança que se acabara de realizar. Hoje, fazemos o mesmo, quando recebemos o Corpo e o Sangue do Senhor, renovando nosso propósito de pôr em prática sua Palavra em nossa vida.

E aqui é que entra nosso dever missionário. Nossa missa não termina nem se limita àquele rito praticado pela assembléia junto com nossos irmãos. Ela continua a ser celebrada por nós após sua realização. Nossa aliança com Deus que acabamos de renovar na missa vai agora ser posta à prova.

Esse compromisso com Jesus acompanha-nos 24 horas por dia. Estejamos onde estivermos, com quem for, em qualquer circunstância e lugar, estaremos celebrando nossa missa, ou seja, nossa aliança de batizados.

- Também assistindo TV? – Sim.
 - Também namorando? – Claro.
 - Tomando chopinho com os amigos? – Sim.
 - Também no trabalho? – Também.
- Vinte e quatro horas por dia!

A missa (o rito) terminou, começou nossa missão. Missa e missão têm a mesma raiz latina: *missus*, participio passado do verbo *mittere*, que quer dizer mandar, enviar, partir. Estamos sempre em missão. Toda a hora é hora de pôr em prática o projeto de Jesus. Porque ele sempre será fiel. E sempre estará pronto a nos receber de volta, quando, por fraqueza, não cumprirmos nossa parte na aliança que fizemos com ele no batismo.

Por isso celebrar a missa não é fácil. É uma questão de honrar a palavra dada, renovando-a a cada missa. O Concílio Vaticano II assim deixou escrito a esse respeito: “... aprendam (os cristãos) a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada” (*Constituição Sacrosanctum Concilium - Sagrado Concílio* - sobre a Sagrada Liturgia, nº 48. Paulus, 1997, pág. 53).

Unidos a Cristo, sumo e eterno sacerdote, somos também sacerdotes e sacerdotisas porque pertencemos ao seu Corpo Místico. O presidente da assembléia exerce seu papel ministerial, mas todos nós, cristãos, oferecemos juntamente com ele o sacrifício de Jesus ao Pai.

Como Cristo, também queremos que seu fogo se propague em qualquer lugar, pelo mundo todo como missionários que somos todos nós (cf. Lucas 12, 49).

Adelino Dias Coelho é jornalista da editora e revista Ave Maria.



Santos do mês de outubro

Santa Teresinha

Dia 1º

Teresinha do Menino Jesus — 1873-1897 — é a padroeira das missões, dos floristas e aviadores. “Teresinha”, diminutivo de “Teresa”, quer dizer “natural de Terásia”, ilha do mar Egeu.

Santa Teresinha do Menino Jesus fez-se monja carmelita aos 16 anos, no Carmelo de Lisieux, França. Sua vida nada teve de extraordinário a não ser viver bem o dia-a-dia de sua vocação. Portanto, na sua vida o que importava não era o que fazia, mas o como fazia cada coisa: com extremo amor. Para ela, o amor era uma dimensão de vida, a sua vocação aqui na terra como se já vivesse no céu: “Quero passar o meu céu fazendo o bem na terra”. Deixou-nos o seu testamento espiritual no livro autobiográfico: *História de uma alma*.



São Francisco de Assis

Dia 4

1182-1226 - fundador da Ordem dos Frades Franciscanos - “Francisco” vem de “Franco” e quer dizer “homem livre”. Patrono dos animais, da ecologia.

Francisco, ainda cedo, aspirava à fama e à glória. Partiu, então, para a guerra e lá foi feito prisioneiro. Após um ano de prisão, voltou à sua cidade, sendo aclamado com festas. Um dia, entretanto, tocado por Deus, mudou radicalmente de vida, contrariando os planos de seu pai. Aos 24 anos, em 1206, abandonou tudo e, com alguns amigos, fundou a Ordem dos Frades Franciscanos. Sob inspiração e ajuda de Santa Clara, nasceu a Ordem das Clarissas e, em 1221, a Ordem Terceira.



S. Antônio Maria Claret

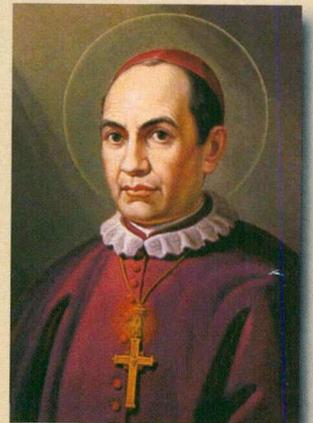
Dia 24

1807-1870 - bispo e fundador - “Antônio” quer dizer “aquele que vai à frente”.

Natural de Sallent, Barcelona, Antônio Maria Claret abandonou aos 22 anos o ofício de tecelão para se dedicar inteiramente à propagação do reino de Deus. Ainda jovem sacerdote, durante sete anos, percorreu a pé a Catalunha inteira propagando a fé em Deus. Depois foi para Barcelona e fundou a editora *Livraria Religiosa*, que inundou a Espanha com livros e folhetos religiosos. Sua obra missionária não terminou ali: em 16 de julho de 1849, fundou a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria; foi sagrado arcebispo de Cuba e metropolitano de Porto Rico, em 1850. Em 1857, tornou-se o confessor de Isabel II, empenhando-se em favor da Igreja espanhola.

Por ocasião da sua beatificação, em 1934 (64 anos após sua morte), Pio XI resumiu sua vida, dizendo que Claret foi um apóstolo incansável, um organizador moderno e o grande precursor da Ação Católica. Além de escritor fecundo, compreendeu o imenso valor da imprensa, procurando sempre, sem medir sacrifícios, inová-la com a utilização de máquinas cada vez mais modernas. Foi um entusiasta das grandes tiragens, da difusão em larga escala de opúsculos, folhetos, panfletos...; queria que a imprensa chegasse a todo lugar e a todas as pessoas.

Foi canonizado no dia 7 de maio de 1950. Sua obra permanece hoje com os Missionários Claretianos, presentes em cerca de 56 países. Dedicam-se à evangelização através dos meios de comunicação social (rádios, televisão, editoras, gráficas, livrarias, multimídia); à pastoral direta com o povo (paróquias, catequese, missões); à educação (escolas, colégios, seminários e faculdades); à promoção humana (creches, centros sociais, centros de juventude). No Brasil, a obra claretiana teve início em 1895, com a chegada de 10 missionários a São Paulo, de onde se difundiu rapidamente pelo País.



com o pe. Francisco Rodrigues da Silva, cmf, sobre seu mais novo livro lançado pela Editora Ave Maria:

Manual dos Missionários Leigos



Padre Francisco ordenou-se sacerdote em 1978 em Itamarati de Minas, MG. É missionário claretiano e como tal atuou em vários campos missionários no Estado de São Paulo. Atualmente é professor no Instituto Teológico de Estudos Superiores de São Paulo (ITESP). É autor de várias obras sobre Liturgia, tais como: *A Liturgia no Catecismo da Igreja Católica*; *Ministério da Acolhida e da Presidência*; *O Espírito Santo na Liturgia*; *A Presença de Maria e os Santos na Liturgia*. Todas

publicadas pela Editora Ave-Maria. Pela Editora O Recado: *A Comunicação Oral na Liturgia: Homilia*. Segundo o pe. Francisco, sua mais nova obra vem ao encontro do apelo expressado pelo V CELAM, realizado em maio passado em Aparecida, SP.

AM: Qual deve ser o objetivo das visitas missionárias?

Pe. Francisco: Levar a solidariedade e o amor de Deus revelado por Jesus a todas as pessoas, sem excluir ninguém. Manifestar a todos o grande amor que Deus tem por nós, seus filhos e filhas. É necessário que nossos leigos e leigas, antes de falar do amor de Deus em Jesus Cristo, vivam e testemunhem isso com a própria vida, para não falarem de um ídolo, mas sim de Jesus Cristo. Nessas visitas convém fazer sempre um convite cordial para as pessoas participarem da comunidade. Além disso, deve-se ter todos os horários e os dias de funcionamento da paróquia e da comunidade, e de preferência, entregar o convite aos visitados com tudo escrito sobre o funcionamento na comunidade paroquial.

Como se tornar um missionário leigo?

Ninguém se torna missionário leigo, mas é vocação de todos os batizados. Portanto, o que precisa é nos prepararmos para assumi-la. Hoje, graças a Deus, nossos queridos bispos em suas dioceses estão organizando as equipes missionárias e dando a estes nossos abnegados leigos a formação necessária para exercerem sua vocação ministerial de missionário. Creio que, a partir daí, com esse preparo estarão prontos para servir em nome de Cristo a Comunidade. Diria que esta formação deve ser teológica, bíblica, litúrgica e missionária. Deve também ter ajuda da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia para poderem entender um pouco do que vem acontecendo em nosso mundo, no Brasil, em nossa cidade e bairro.

Qual a intenção da Igreja ao incentivar a vocação dos leigos/as às missões?

Responder ao apelo de Jesus que diz a todos nós, cristãos católicos batizados: "Pedi ao Senhor da messe que envie operários para sua messe". Hoje, mais do que ontem, como Igreja que somos todos nós, precisamos estar dispostos a viver nossa vocação missionária. A Igreja, co-

mo instituição, deve chamar, promover e incentivar seus filhos e filhas às missões, quer sejam nas cidades quer nos sertões.

Por que os cristãos e não-cristãos precisam ser visitados?

Aqui me refiro a visitas. Ir, estar com. Estar com a família, expressar solidariedade a ela e manifestar acolhida, carinho e afeto, dando-lhe uma cordial acolhida. Todos nós gostamos de encontrar alguém que manifeste ternura e carinho por nós. Faremos isso, não em nosso nome ou de nosso pároco, mas em nome do Senhor que nos impulsiona a acolher, pela visita, a todos sem discriminação. Diante do princípio evangélico de que Jesus passava acolhendo e fazendo o bem a todos, a equipe de missionários precisa fazer estas visitas e acolher a todos cristãos e não-cristãos.

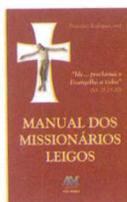
Quais são os passos de uma visita missionária?

Primeiro, estabelecer dia e hora em que se fará a visita. Segundo, a possibilidade de que todos estejam em casa. Terceiro, preparar um rito com a palavra de Deus a ser proclamada e partilhada, as orações e a bênção a ser dada. Partilhar com todos num diálogo fraterno esta Palavra. O *Manual dos missionários leigos* traz sugestões nesse aspecto. Fazer da visita um momento todo especial em nome do Senhor.

Como santo Antônio Maria Claret incentivou os missionários leigos?

Associando-os a si, organizou vários grupos que desejavam viver o carisma missionário, deu-lhes formação e condições para trabalhar nas obras por ele organizadas. A seus filhos, os missionários claretianos, diz: "De bom grado, associamos, no Senhor, às nossas obras apostólicas todos e cada um daqueles que, movidos de espírito missionário, desejam colaborar conosco". Santo Antônio Maria Claret organizou como pôde os leigos em associações e academias. Seguindo os seus passos, somos chamados a fazer o mesmo. Tivemos entre nós marcas dessas associações e cito aqui a *Academia São Miguel*, em Campinas. Hoje, temos grupos de leigos/as claretianos/as espalhados pelo mundo, inclusive aqui no Brasil; pena não existir em todas as paróquias onde os claretianos servem o povo de Deus. É uma organização iniciada por Claret para os nossos leigos e leigas, a que nós, seus filhos, devemos dar continuidade, principalmente hoje em que o "protagonismo dos leigos" é uma nova primavera na vida da Igreja.

Entrevista concedida a Janaína Ribeiro, do Departamento de Marketing da Editora Ave-Maria.



MANUAL DOS MISSIONÁRIOS LEIGOS
184 páginas R\$ 17,00
Pedidos à Editora Ave-Maria
0800 7730 456

O AMOR de DEUS não medido

Se eu apagasse meu passado, esquecesse minha história,
Deus me amaria mais?

Se eu fizesse propósitos de santidade, planejasse vida nova,
Deus me amaria mais?

Se eu me trancasse num quarto para nunca mais pecar,
Deus me amaria mais?

Se eu fingisse ser outra pessoa, imitasse a vida dos santos,
Deus me amaria mais?

Se eu fizesse jejuns constantes, penitências e ascetes,
Deus me amaria mais?

Se eu abandonasse tudo e percorresse o mundo em missão,
Deus me amaria mais?

A resposta é NÃO!

Deus é Amor, e o amor em essência não diminui nem aumenta.

Nada do que eu faça obrigará Deus a desistir de mim.

Nada do que eu faça impedirá Deus de me querer sem impor condições.

Quando experimento esse Amor,
a busca pela santidade, o não pecar mais,
os propósitos de uma vida nova,
não é para que ele me aceite, não é troca.

Mas para corresponder a tamanha misericórdia,
para que meu amor limitado, imperfeito, condicionado,
possa ser pleno para amá-lo sobre todas as coisas.



Redescobrimo o método “ver, julgar e agir”

Regina Maria de Almeida

A Conferência de Aparecida (maio/2007) vem suscitando entusiasmo em alguns setores da Igreja, entre outros motivos, por sua retomada do método “ver-julgar-agir”, muito presente na Conferência de Puebla (1979) e praticamente ausente no documento de Santo Domingo (1992). O que significa para a Igreja latino-americana e caribenha essa redescoberta metodológica?

Reconhecimento de um método que vem dando certo

O documento-síntese da Conferência, originalmente, tinha um alicerce mais doutrinal, ou seja, partia da verdade revelada para depois influenciar e modificar a vida. Foi o clamor dos episcopados que fez com que o “ver-julgar-agir” se tornasse a base dos trabalhos. Ele vai aparecer nas três partes do documento final. Primeiramente, um olhar qualificado de discípulos missionários sobre a realidade social e sobre a Igreja; em seguida, a descrição do que constitui o discípulo missionário; e, numa terceira parte, sob o tema amplo da vida, a parte que corresponde ao agir.

Temos aqui um reconhecimento claro de que o método “ver-julgar-agir” vem sendo eficaz no processo de evangelização atual. Sua eficácia está na tentativa de retomar o método de Jesus, que parte da vida concreta das pessoas para anunciá-lhes, realmente, uma boa notícia, levando à vivência do ideal comunitário (ex: Lucas 24,13-35).

A Ação Católica e o nascimento do “ver-julgar-agir”

O método “ver-julgar-agir”, (re)utilizado na Conferência de Aparecida, nasceu com a chamada Ação Católica. Esse movimento surgiu por volta de 1920, na Europa, sendo estimulado e apoiado pelo Papa Pio XI. Naquela época, a Igreja buscava novos horizontes para a evangelização diante das grandes mudanças que estavam ocorrendo em todo o mundo, decorrentes dos processos de industrialização e urbanização e das ideologias do materialismo e do liberalismo.

A Ação Católica, através de seus seminários e encontros nacionais, foi espaço propício de estudos, decisões pastorais e organização apostólica, possibilitando com isso o sur-

gimento de um novo tipo de formação e espiritualidade para os leigos e leigas. Estes, até então mergulhados numa fé tradicional e devocional, foram despertados para a vivência do apostolado a partir da leitura da Bíblia, que os ajudava a fazer uma leitura da realidade.

O Pe. Cardjin, na década de 1950, trabalhando com jovens operários na periferia de Bruxelas, sistematizou os alicerces do método “ver-julgar-agir”: 1) Partir da realidade, da vida das pessoas; 2) Confrontar os desafios levantados pela realidade com a fé; 3) Organizar ações transformadoras do meio.

Em pouco tempo, essa nova proposta iria revolucionar a pedagogia da Igreja, influenciando o Concílio Vaticano II (1962-1965). Na América Latina, seria confirmada pelas Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979).

Desafiados pela Conferência

Quando a Conferência de Aparecida retoma o método “ver-julgar-agir”, fica claro que deseja estampar na Igreja um rosto profético. Mas a profecia tem como companheira a cruz. Precisamos estar preparados para assumir os conflitos decorrentes da defesa da vida em suas diferentes manifestações.

Neste Mês Missionário, procure conhecer e exercitar mais esse método nos encontros de catequese, na liturgia, no serviço ministerial, nos movimentos sociais... Enfim, vamos aprender a transformar nossos grupos e comunidades em espaços de missão, como nos pedem os bispos, buscando anunciar verdadeiramente uma boa notícia ao homem e à mulher latino-americanos.

Regina Maria de Almeida é teóloga leiga, assessora bíblica popular do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) em São Paulo, contato: www.partilhando.com.br - reginama6@uol.com.br



Solenidade de Todos os Santos
4 novembro

Escolhas que nos levam à santidade

1ª Leitura: Apocalipse 7,2-4.9-14 – Eu vi uma multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, raças, povos e línguas.

O livro do Apocalipse foi escrito por João, quando ainda estava exilado na ilha de Patmos, para animar as comunidades perseguidas até a morte pela opressão e repressão do Império Romano. Ele nos fala daqueles que já estão em plena felicidade, dos que alvejaram suas vestes no sangue do cordeiro, depois de percorrer o caminho proposto por Jesus e ter vencido todas as tribulações.

Diante do trono de Deus eles fazem festa e intercedem por nós, que ainda estamos a caminho, para que prossigamos confiantes no mesmo rumo. São a esses bem-aventurados que chamamos santos e mártires. Lembrar deles anima a difícil caminhada

dos que agora estão lutando para implantar o projeto de Deus na história. Eles são uma multidão incontável, pois a felicidade não é um privilégio de poucos.

Salmo 23(24),1-6 – Quem será digno de subir ao monte do Senhor?

2ª Leitura: 1ª Carta de São João 3,1-3 – Veremos Deus tal qual é.

Os versículos escolhidos como segunda leitura pertencem a uma seção que vai de 2,29 a 4,6, cujo tema é viver como filhos de Deus. Portanto, para João, desde já somos cidadãos do Reino, trazendo em nós a vida de Cristo pelo seu Espírito. Somos semelhantes a Deus, pela obra redentora do Filho que restaurou em nós a imagem e semelhança que o pecado havia rompido.

Deus já está reinando sobre aqueles que ele regenerou e adotou como filhos no Filho. Viver como filhos de Deus implica a prática da justiça e esta mostra que Deus é justo e nos torna seus filhos. Ser filho de Deus é estar em sintonia com o projeto do Pai. Sendo assim, somos chamados a fazer as opções que nos comprometem com o reino de Deus, pois delas depende a nossa felicidade e a dos outros.

Aclamação ao Evangelho: Aleluia! Aleluia! Aleluia! Alegrai-vos e exultai, pois é grande no céu a vossa recompensa. Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Evangelho: Mateus 5, 1-12a - Vinde a mim, todos vós que penais e carregais os vossos fardos, e eu vos darei repouso, diz o Senhor.

As bem-aventuranças marcam, nesse Evangelho, o início do Sermão da Montanha. Jesus promulga a nova constituição do povo de Deus, um povo sem fronteiras e sem discriminações, ele vai inaugurar a nova aliança com os pobres e marginalizados do mundo inteiro, revelando que Deus se solidarizou com eles a ponto de confiar-lhes o Reino. As bem-aventuranças são propostas de felicidade.

Na nossa linguagem atual, declaram quem são os “cidadãos do reino”, chamados a constituírem o novo povo de Deus. Neste texto Jesus faz esta declaração com solenidade. Assim ele declara abertas as portas do Reino para todos os que apresentarem essas características. Não é necessário possuir dons ou capacidades extraordinárias. As bem-aventuranças são atitudes simples, porém, comprometedoras, que podem ser encontradas em todas as pessoas: ser pobre, estar aflito (ansioso por dias melhores), ser manso (não violento), ter fome e sede de justiça, ser misericordioso, ter um coração puro (ser coerente), promover a paz. A constituição que Jesus promulga no Sermão da Montanha, nasce da constatação das lutas do povo sofrido.

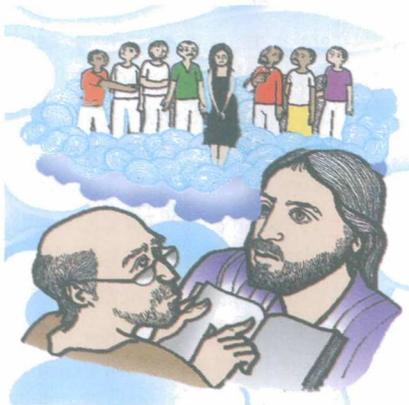
REVISÃO DE VIDA

A festa de Todos os Santos é oportuna para uma revisão de vida pessoal e comunitária. Todos são convidados à plena realização que só se dá quando Deus e seu Reino forem a meta última dos nossos anseios. Na vida temos que sempre estar fazendo escolhas. Viver as bem-aventuranças é uma opção para aqueles que querem encontrar a felicidade.



LEITURAS DA 31ª SEMANA DO TEMPO COMUM

5 – SEGUNDA: Rm 11,29-36 = Deus quer manifestar sua misericórdia em favor de todos. Sl 68. Lc 14,12-14 = Convidar não amigos e parentes, mas os pobres, doentes, infelizes. **6 – TERÇA:** Rm 12,5-16a = O bem comum antes de tudo; caridade fraternal. Sl 130. Lc 14,15-24 = Parábola do grande banquete: vai convidar todos! **7 – QUARTA:** Rm 13,8-10 = Amor mútuo, síntese de toda a Lei. Sl 111. Lc 14,25-33 = Renunciar a tudo para seguir Jesus. **8 – QUINTA:** Rm 14,7-12 = Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor. Sl 26. Lc 15,1-10 = Parábolas da ovelha tresmalhada e da moeda perdida. **9 – SEXTA:** Ez 47,1-2.8-9.12 = A fonte maravilhosa que jorra do templo. Sl 45. Jo 2,13-22 = As bodas de Caná **10 – SÁBADO:** Rm 16,3-9.16.22-27 = Saudações epistolares e doxologia final. Sl 144. Lc 16,9-15 = Bom uso do dinheiro: fiel nas pequenas coisas, servir a dois senhores.



32ª Domingo do Tempo Comum
11 de novembro

Duelo forte: a vida vence a morte

1ª Leitura: 2º Livro dos Macabeus 7, 1.9-14 - Martírio dos sete irmãos Macabeus

Antíoco, rei perverso, quis que o povo israelita abandonasse a fé e a prática religiosa dos antepassados. Quem transgredisse era perseguido, torturado e morto! Certo dia quis obrigar uma mãe e seus sete filhos a violar a lei, obrigando-os a comer carne de porco (vv. 1-2).

O trecho de hoje relata as corajosas respostas dos primeiros quatro irmãos: constituem uma profissão de fé na ressurreição dos mortos. Os sete irmãos têm coragem de renunciar a esta vida, porque têm certeza de que Deus lhes concederá outra (vv. 9, 11.14). Não devemos, porém, pensar que a fé deles na existência de outra vida seja idêntica à nossa fé na ressurreição. Eles estão convencidos de que receberão de

Deus só uma vida semelhante àquela que, por causa da sua fidelidade à lei, lhes foi tirada. Não estão esperando alguma coisa absolutamente nova.

Salmo 16 (17), 1.5-6.8b e 15 - Ao despertar, me saciará vossa presença e verei a vossa face!

2ª Leitura: 2ª Carta aos Tessalonicenses 2, 16-3,5 - Exortação à perseverança

Entre os cristãos de Tessalônica havia, sim, algumas tensões e alguma idéia teológica um pouco errônea, um certo fanatismo. Por isso, Paulo convida os tessalonicenses a rezar para que a Palavra de Deus, que produziu tantas transformações no meio deles, se funda e seja conhecida por todos os homens. O apóstolo pede que rezem também por ele, pois, de fato, são muitas as dificuldades que deve enfrentar. Paulo sugere o caminho para nunca saírem derrotados: confiarem no Senhor através da oração, pela qual mantém o homem unido a Deus, dá serenidade e restitui a calma e a paz interior.

Aclamação ao Evangelho: Ap 1,5a.6b - Aleluia, aleluia, aleluia. Jesus Cristo é o Primogênito dos mortos; a ele a glória e o domínio para sempre! Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Lucas 20, 27. 34-38 - Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos.

Ao ouvirem a pregação de Jesus, os saduceus observam que, neste ponto, ele está de acordo com os fariseus: acredita na vida eterna. Como convencê-lo a

mudar de opinião? Para isso, apelam para a Sagrada Escritura.

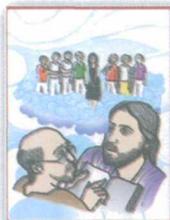
A lei de Moisés estabelece que, se um homem morre sem deixar descendência, seu irmão deve casar com a viúva. Os filhos nascidos do novo casamento são considerados filhos do falecido. Baseando-se neste preceito, os saduceus inventam uma história bastante original, sobre uma mulher viúva e os seus sete maridos e vão contá-la ao mestre. Ora, admitindo-se a ressurreição, a situação fica complicada: com qual dos irmãos ficará ela na vida futura? Qual foi a reação de Jesus? A resposta de Jesus se estrutura em duas partes:

A primeira: "Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento, mas os do outro mundo... são iguais aos anjos... são filhos de Deus" (v. 34-36). O homem se torna um ser diferente, imortal, igual aos anjos.

A segunda parte: Jesus invoca a autoridade da Sagrada Escritura – O Senhor Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Isto quer dizer que eles ainda estavam vivos, pois se assim não fosse, Moisés e depois todos os israelitas, teriam invocado um Deus dos mortos. Jesus afirma: Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos, porque todos dele recebem a vida.

REVISÃO DE VIDA

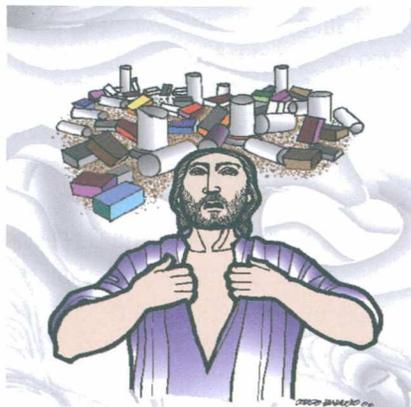
A ressurreição não é, porém, um despertar do sepulcro para retomar a vida de antes. A vida com Deus é completamente nova. Como será essa vida? Ninguém o sabe. Conhecida exclusivamente só por Deus. É com a vida deste mundo que devemos nos preocupar. A outra, devemos aguardá-la como um dom maravilhoso que o Pai reserva para todos os seus filhos.



LEITURAS DA 32ª SEMANA DO TEMPO COMUM

12 – SEGUNDA: Sb 1,1-7 = Em busca da sabedoria que ama os homens. Sl 138. Lc 17,1-6 = Instrução sobre o escândalo, o perdão, a fé. **13 – TERÇA:** Sb 2,23-3,9 = As almas dos justos estão na mão de Deus. Sl 33. Lc 17,7-10 = Lição de humildade: somos pobres servos... **14 – QUARTA:** Sb 6,1-11 = Reis e governantes serão especialmente julgados por Deus. Sl 81. Lc 17,11-19 = O leproso agradecido dentre os dez curados. **15 – QUINTA:** Sb 7,22-8, 1

= A sabedoria, irradiação da glória de Deus. Sl 118. Lc 17,20-25 = Vinda do Reino de Deus: já está no meio de vós. **16 – SEXTA:** Sb 13,1-9 = Todas as coisas criadas, reflexos de Deus criador. Sl 18. Lc 17,26-37 = O Filho do homem chegará repentinamente. **17 – SÁBADO:** Sb 18,14-16; 19,6-9 = A Sabedoria guiou a saída do Egito. Sl 104. Lc 18,1-8 = A viúva importuna e o juiz iníquo.



33º Domingo do Tempo Comum
18 de novembro

Coragem, a vitória acontecerá.

1ª Leitura: Malaquias 3, 19-20a - *Aproxima-se o dia do Senhor: aí vem o sol da justiça!*

Quando os israelitas voltaram do exílio da Babilônia, a situação do povo ainda não era boa e muitos começaram a se queixar. Surge entre eles um profeta chamado Malaquias, bom ouvinte das queixas, sem ficar indignado. Ele sente que as pessoas estão precisando de palavras de conforto e esperança. Por isso, dirige-lhes esta exortação, de coragem. É verdade que as circunstâncias são dramáticas, mas não desanimeis, continuais sendo fiéis ao Senhor.

A ira de Deus significa sim “o seu imenso amor” e não se desencadeia contra os pecadores, mas contra os pecados. O fogo não é dirigido contra o homem, mas a tudo que destrói o homem: injustiça, inveja, ganância

de enriquecer-se, ódios e violências. Tendes esperança, para vós nascerá o sol da justiça.

Salmo 97 (98), 5-6.7-8.9 a. 9bc - *O Senhor virá julgar a terra inteira; com justiça julgará (v.9).*

2ª Leitura: 2ª Carta aos Tessalonicenses 3, 7-12 - *Quem não quer trabalhar, também não deve comer.*

Na comunidade de Tessalônica, difundia-se alguns boatos perigosos. Alguns cristãos fanáticos afirmavam que este mundo estava quase chegando ao fim e que Jesus estava prestes a voltar para dar início a um mundo novo, a uma humanidade nova.

As tolices que esses fanáticos espalhavam perturbaram bastante a comunidade. Alguns se convenceram que, sendo iminente a volta de Cristo, já não valia mais a pena continuar trabalhando. Paulo teve que intervir – com seu exemplo de vida – de que nunca havia sido peso para ninguém. Em seguida, Paulo lembra os tessalonicenses do provérbio popular: “quem não quer trabalhar, não tem o direito de comer”.

Aclamação ao Evangelho: Lucas 21,28 - *Aleluia, aleluia, aleluia. - Levantai a vossa cabeça e olhai, pois vossa redenção se aproxima! Aleluia, aleluia, aleluia.*

Evangelho: Lucas 21, 5-19 - *É permanecendo firmes que ireis ganhar a vida!*

Lucas escreve seu Evangelho, mais ou menos, cinquenta anos depois da morte

e ressurreição de Jesus e nesses cinquenta anos aconteceram fatos terríveis. Houve guerras, revoluções políticas, catástrofes: o templo de Jerusalém foi destruído, os cristãos são vítimas de injustiças e perseguições.

Como explicar esses acontecimentos dramáticos? Alguém começa a interpretar todos esses acontecimentos como sinais de que o fim do mundo está próximo e que o Senhor Jesus está para aparecer entre as nuvens do céu. O Evangelho de hoje quer dar uma resposta a essas falsas expectativas: “é necessário que isso aconteça primeiro, mas não virá logo o fim”.

Jesus não sabe especificar a data, pois não a conhece, como também não conhece o dia e a hora do fim do mundo. Ele não é um mago ou um adivinho, por isso não responde. Então, por que Lucas narra esse episódio? Para alertar as suas comunidades sobre “falsos profetas” que confundem os próprios sonhos com a realidade do reino de Deus.

REVISÃO DE VIDA

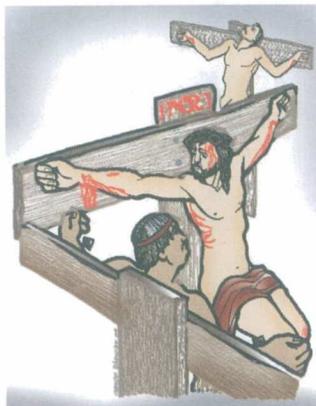
A salvação é também uma conquista. Nossa esperança pela vitória do reino de Deus não é passiva, como quem apenas aguarda um desfecho. Paulo nos lembra que todos temos de trabalhar para conquistar essa vitória. Assim como devemos ganhar o pão com nosso próprio esforço, sem ficarmos aproveitando dos outros, sendo um peso para eles. Assim devemos também nos esforçar para conquistar a vitória com Cristo.

O reino de Deus, o “mundo novo”, pode ser construído por quem não quer trabalhar?



LEITURAS DA 33ª SEMANA DO TEMPO COMUM

19 – SEGUNDA: 1Mc 1,10-15.41-43.54-57.62-64 = O helenismo ameaça o judaísmo. Sl 118. Lc 18,35-43 = Cura de um mendigo cego em Jericó. **20 – TERÇA:** 2Mc 6,18-31 = Martírio do ancião Eleazar, exemplo para toda a nação. Sl 3,2-3.4-5.6-7. Lc 19,1-10 = Zaqueu, chefe de publicanos, muito rico, recebe Jesus! **21 – QUARTA:** 2Mc 7,1.20-31 = Martírio da heróica mãe dos sete jovens macabeus. Sl 16. Lc 19,11-28 = Parábola do dinheiro emprestado a dez servos. **22 – QUINTA:** 1Mc 2,15-29 = Revolta de Matatias, fiel à Lei, firme na aliança. Sl 49. Lc 19,41-44 = Jesus chora ao ver Jerusalém. **23 – SEXTA:** 1Mc 4,36-37.52-59 = Purificação e consagração do templo. Cânt.: 1Cr 29,10-12. Lc 19,45-48 = Vendilhões expulsos do templo. **24 – SÁBADO:** 1Mc 6,1-13 = Triste morte de Antíoco Epifanes. Sl 9. Lc 20,27-40 = Mulher e sete maridos sucessivos: como serão na ressurreição?



34º Domingo do Tempo Comum
25 de novembro

Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

1ª Leitura: 2º Livro de Samuel 5, 1-3 - Eles ungiram Davi como rei de Israel

Para as tribos de Israel, a unção de Davi como rei era a vontade de Deus. Elas "leram" isso no fato de Davi liderar o exército de Israel, mesmo quando Saul ainda reinava, e confirmaram a sentença proferida pelo profeta Samuel a respeito de Davi: "És tu que apascentarás o meu povo Israel e és tu quem será chefe de Israel". Assim a unção de Davi, um simples pastor que veio de Belém, é vista numa perspectiva teológica, como a concretização de um desejo, de uma escolha de Deus a favor de seu povo e de seu projeto. Seu reinado, ainda que moldado nos padrões dos outros reinos de seu tempo, serviu para fazer avançar a história de Israel, através da qual o próprio Deus foi se revelando.

Salmo 121 (122), 1-2.4 - Quanta alegria e felicidade: vamos à casa do Senhor! V.1

2ª Leitura: Colossenses 1, 12-20 - Recebermos no reino de seu Filho amado.

A segunda leitura é um hino que nos revela a realidade nova, misteriosa e verdadeira do reinado de Cristo. Por sua morte, vista agora não mais como um fracasso, mas como o sacrifício que o Filho faz de si mesmo, oferecendo-se ao Pai por toda a criatura, tudo e todos são reconciliados. Arrancados do "poder das trevas", todos somos transferidos "para o Reino do seu Filho amado". Aí está a plena realização dos desígnios de Deus, levando toda a história ao seu resultado final: o reinado de Deus sobre todo o universo.

Aclamação ao Evangelho: Mc 11, 9.10 - Aleluia, aleluia, aleluia. - É bendito aquele que vem vindo, que vem vindo, em nome do Senhor; e o Reino que vem, seja bendito, ao que vem e a seu Reino, o louvor! Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Lucas 23, 35-43 - Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reinado.

Por que nos é proposta esta narrativa na primeira leitura da festa de Cristo Rei? É muito fácil entender: porque Jesus é a resposta de Deus às orações e às expectativas do seu povo. É ele o Messias, o Rei que "dominara de um a outro mar, desde o grande rio até os confins da terra" (Sl 72,8).

Por que então os israelitas não o acolheram? Por que os anciãos do povo

o levaram à morte em vez de ungi-lo rei, como os seus antepassados fizeram com Davi em Hebron? O motivo será explicado no Evangelho de hoje.

No tempo de Jesus, a esperança messiânica ainda estava viva em muitos corações.

O que ninguém esperava, muito menos os discípulos, era que Jesus assumisse o papel de um Messias sofredor, completamente destituído de poder humano, condenado à morte, sem chance de reagir à violência do poder. Ninguém esperava um Messias fracassado. Diante da rejeição dos chefes a Jesus, restava o povo definir-se: pode esse crucificado ser o nosso messias, o nosso salvador? Seria ele o escolhido para instaurar o reino de Deus na terra? Como pode fazê-lo, se não é capaz nem de salvar-se a si mesmo? O Evangelho de hoje nos coloca exatamente diante desta inadiável decisão. Ou reconhecemos em Jesus crucificado o verdadeiro rei, o Cristo-messias de Deus, doando-se totalmente e implantando o reino de Deus entre nós, ou podemos desistir da fé cristã.

REVISÃO DE VIDA

Se não formos capazes de crer que Deus pode utilizar o fracasso humano para realizar o seu projeto, salvando a todos, não conseguiremos entender como Jesus crucificado é Rei do Universo. Jesus Cristo ao ressuscitar, assumiu esse reinado, sentando-se no trono da glória. Vivemos, portanto, no tempo novo do reinado de Cristo, que é de Deus. Nossa missão é fazer crescer a semente lançada, até que tudo esteja submetido a esse rei ao mesmo tempo humano e divino: Jesus

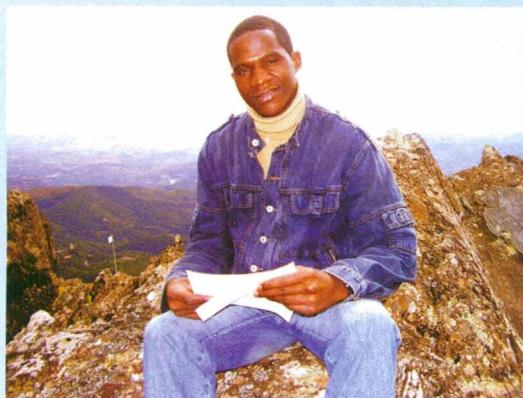


LEITURAS DA 34ª SEMANA DO TEMPO COMUM

26 – SEGUNDA: Dn 1,1-6.8-20 = Daniel e os três colegas na corte de Nabucodonosor. Cânt.: Dn 3,52-56. Lc 21,1-4 = Oferta da viúva pobrezinha. **27 – TERÇA:** Dn 2,31-45 = Daniel interpreta o sonho: Deus implantará um reino eterno. Cânt.: Dn 3,57-61. Lc 21,5-11 = Sinais precursores da grande ruína: destruição, perseguição... **28 – QUARTA:** Dn 5,1-6.13-14.16-17.23-28 = Banquete do rei Baltazar: o reino será dividido! Cânt.: Dn 3,62-67. Lc 21,12-19 = Fim dos tempos: guerras, fome, fenômenos, perseguição... **29 – QUINTA:** Dn 6,12-28 = Daniel respeitado pelos leões: conversão das nações a Deus. Cânt.: Dn 3,68-74. Lc

21,20-28 = Ruína de Jerusalém, julgamento de Deus. **30 – SEXTA: Santo André** Rm 10,9-18 = A fé vem da pregação e pregação se faz pela palavra de Cristo. Sl 18. Mt 4,18-22 = Deixando imediatamente as redes, o seguiram **1/12 – SÁBADO:** Dn 7-15-27 = Explicação da visão dos quatro animais e do Filho do homem. Cânt.: Dn 3,82-87. Lc 21,34-36 = Para que o grande dia não vos apanhe de improviso, vigiai!

MISSIONÁRIO CLARETIANO



Chamo-me **Adriano Dídimo Kutassi**, sou missionário claretiano, nascido em Angola, no município da Jamba, província da Huíla, no dia 5 de abril de 1983. Sou filho de casal católico, **Protásio Kutasi** e **Inês Kassinda**.

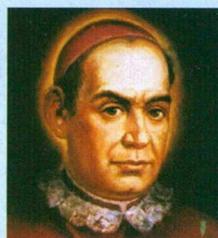
Nasci na época da guerra civil em Angola, por isso ficávamos muitos meses (até anos) sem participar de uma Celebração Eucarística. Numa rara ocasião, em 1991, um padre foi visitar minha cidade natal. O incansável padre Antônio atendia com alegria aquele povo sedento da palavra de Deus. Aquele testemunho despertou a chama que estava latente dentro do meu coração. Sentia que era também minha missão atender àquele povo.

Em 1999, entrei para o seminário menor; em 2003, fui fazer o curso de Filosofia e em 2006 tive a graça de ser enviado ao Brasil para fazer o noviciado. Minha primeira profissão religiosa foi no dia 27 de janeiro de 2007.

Hoje, frequento o primeiro ano de Teologia em Curitiba, PR. Estou feliz por estar no Brasil e a cada dia que passa cresce em mim a consciência de que sou um missionário para o mundo inteiro.

Dídimo - 1º ano de Teologia.

CLARET 200 ANOS!



Estamos apresentando, de forma resumida, a biografia de santo Antônio Maria Claret, que completaria duzentos anos de vida em 23 de dezembro.

Os seguidores do carisma de Claret

Fiéis ao carisma do seu fundador e pai, os missionários claretianos desenvolvem com zelo e intenso amor a Deus as mais variadas atividades apostólicas em missões, colégios, paróquias, imprensa, obras assistenciais, etc. “Para salvar almas, sirvam-se de todos os meios” – falou Claret.

Fiéis a essa ordem do santo fundador, junto aos quatro ramos principais – 1º) missionários claretianos, filhos do Coração Imaculado de Maria, 2º) religiosas de Maria Imaculada 3º) filiação cordimariana e 4º) seculares claretianos –, a família de santo Antônio Maria Claret se estendeu pelo mundo inteiro. Na América, principalmente, encontrou um campo especial, propício para seu desenvolvimento e apostolado.

Oxalá, Deus satisfaça os desejos do fundador, que durante o Concílio Vaticano I escrevia ao superior-geral dos missionários: “Na América, há um campo muito grande e propício e, com o tempo, de lá irão muito mais almas para o céu do que da Europa. Esta parte do mundo é como uma cepa velha, e a América é vinha jovem. Eu já estou idoso e a saúde abalada; mas se não fosse assim, voaria para lá. E, embora não vá para lá, frequento o colégio que está aqui em Roma para seminaristas americanos. Tenho-lhes falado, e se formam muito bem em virtude e em ciência.”

Isso é o que sonhava padre Claret. Hoje, seus sonhos divinos – diante de todo um mundo a conquistar para Cristo – são realizados em parte com os pujantes seminários claretianos no Brasil, no coração da África, nas várias províncias da Índia, Indonésia, Filipinas, Coréia, Vietnã e Rússia, tão cheios de esperança... enfim, em todos os continentes, em quase todos os países, os missionários claretianos marcam presença, levando a evangelização na construção do Reino, conforme o coração ardente de Claret!

VENHAM NOS CONHECER

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS: Pe. Sidney T. da Silva, cmf - pjvsp@pjvcmf.com.br ou pjvsul@pjvcmf.com.br - Cx. Postal 94 - CEP 14300-000 - Batatais, SP - Tels.: (16) 3761-5081 e 8138-6738

www.claretianos.com.br

Biodiversidade: por que mantê-la?

Maria Ângela Cabianca

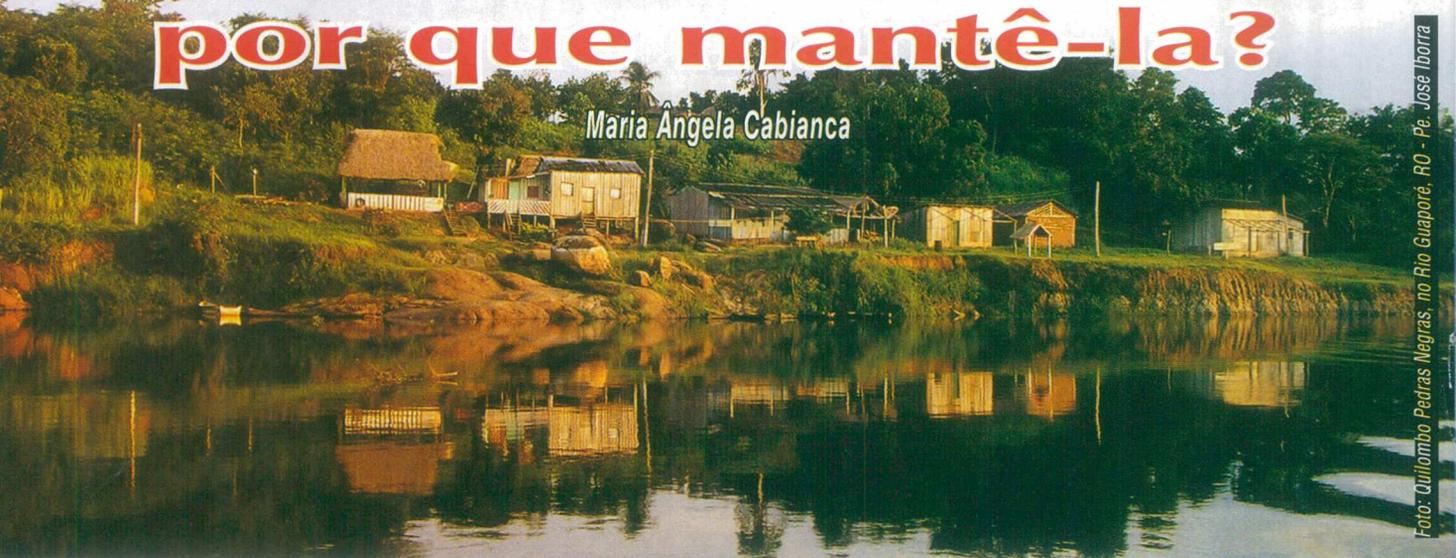


Foto: Quilombo Pedras Negras, no Rio Guaporé, RO - Pe. José Iborra

Entende-se por biodiversidade a variedade de formas de vida existentes na Terra. Tal conceito engloba a variabilidade de espécies animais e vegetais, o grande número de ecossistemas onde eles ocorrem e também seu imenso patrimônio genético.

As alterações que o planeta vem sofrendo em decorrência das atividades humanas fazem aumentar por todo o mundo a preocupação com as sérias ameaças à biodiversidade.

São muitas as razões para se preocupar com a manutenção da biodiversidade. Muitos produtos alimentícios, farmacêuticos e de uso industrial são derivados da fauna e da vegetação. Há uma infinidade de espécies cujo valor terapêutico ainda está em estudo, além de plantas e animais cujo valor nutricional e importância econômica ainda devem ser descobertos. Esses produtos contribuem ou podem vir a contribuir diretamente para a vida humana, o que representa também uma razão econômica para a preservação da diversidade de espécies.

Os seres vivos, de modo geral, participam ativamente dos principais ciclos ambientais do planeta. Os ciclos da água, do oxigênio, dos nutrientes, entre outros, têm participação de vegetais e animais existentes nos ecossistemas.

Diversos locais que exercem alguma atração, sentimento de admiração ou poder de encantar as pessoas por sua beleza contam com a grande complexidade e variedade das diferentes formas de vida, que lhes garante valores estéticos paisagísticos.

Há ainda que se considerar, como uma razão fundamental para a conservação da biodiversidade, o direito que todo o ser vivo tem de existir, sendo este um motivo ético, inerente às próprias espécies.

Esses argumentos estão contemplados na Convenção da Diversidade Biológica, da qual são signatárias mais de 170 nações.

O Brasil possui um papel de destaque em relação à bio-

diversidade contida em seu território. Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, o país possui a maior biodiversidade do planeta, com pelo menos 10 a 20% do número total de espécies mundiais. Essa riqueza está distribuída em biomas como a Amazônia, a Mata Atlântica, a Zona Costeira e Marinha (com seus diversos ecossistemas associados - mangues, restingas, praias, costões, recifes de corais, entre outros), as Florestas de Araucárias e Campos Sulinos, a Catinga, o Cerrado e o Pantanal.

A grandeza da biodiversidade brasileira ocorre em nível de espécie, genético e dos ecossistemas, e é resultante da ampla variação climática e geomorfológica de um país de dimensões continentais.

Estamos vivendo uma época de importantes transformações deste inestimável tesouro que existe no território brasileiro: além das mudanças climáticas que ameaçam muitas espécies nos nossos biomas, assistimos a substituição da imensa riqueza de espécies presentes em extensas áreas naturais por poucas espécies cultivadas, muitas vezes provenientes de outros continentes, ou ecossistemas sem qualquer afinidade ecológica com os existentes aqui. São áreas de cerrado e mata tropical por onde avançam as culturas de cana-de-açúcar, soja, eucalipto ou pecuária extensiva.

Em poucos anos substituem-se milhares de espécies dos ecossistemas originais, que levaram milhões de anos para se estabelecer nesses locais, por uma única espécie de interesse comercial, associada geralmente a pragas que tanto custam a ser combatidas pela indústria de defensivos agrícolas.

Podemos concluir, portanto, que vale a pena investir mais na manutenção desse patrimônio natural.



Maria Ângela Cabianca – Graduada em Ecologia e Geografia, mestre em Ecologia e doutora em Saúde Ambiental, professora de Geografia e Ecologia nos cursos de Arquitetura e Turismo da Universidade Anhembí Morumbi.

Além das aparências

O sentido da vida se encontra na própria vida

José Alem

A consciência humana é o campo privilegiado de se fazer escolhas livres e responsáveis. Pessoas vivem desencontros com a vida e a sensação de vazio, não por insatisfação dos instintos, mas por falta de um sentido na vida. Vivemos num tipo de sociedade que favorece *uma vida vazia, ilusória, infeliz*. Nem todas as pessoas são fortes o suficiente para suportar as pressões do estilo de vida de nossa época. Por isso, é necessária uma terapia social e coletiva para destruir as raízes que sustentam os fenômenos neuróticos de massa. Quando se entender melhor o que é a vida humana, quem é o ser humano, certamente se cuidará para que tanto um como outro sejam mais valorizados e respeitados.

É fácil constatar como pessoas são frágeis e fracas. Mas é também possível reconhecer como em cada uma existe a possibilidade de ver em cada situação um sentido que pode ser assumido e vivido, fazendo com que nesse momento ela seja livre. Isso porque a pessoa escolhe e não se deixa conduzir pelas forças instintivas, de condicionamento social que atuam sobre ela.

As coisas mais simples, aparentemente sem sentido, são carregadas e portadoras de um significado que pode dar plenitude ao nosso ser. Isso é tão real que não foram poucas as vezes que observei pessoas conseguirem recuperar a alegria de viver reconhecendo que, em cada coisa, independente de seu reconhecimento social, de ser grande ou pequena, há a possibilidade de se viver a vida com sentido. Nada do que é feito por amor é pequeno. Até mesmo situações como de doen-

ças incuráveis podem ser vividas, descobrindo nelas um sentido que motiva a pessoa a não sofrer em vão.

Todos podemos estimular nosso espírito com reações positivas, carregadas de sentido, ao invés de nos entregarmos como vítimas fatais de alguma situação. Podemos reagir a cada situação difícil exatamente porque somos protagonistas de nossa história e não meros figurantes. Está em nossas mãos decidir que tipo de homem, que tipo de mulher, que tipo de pessoa, enfim, desejamos ser. E se temos um ideal e estamos dispostos a atingir essa meta, superamos nossas dificuldades e nossas tendências negativas e destruidoras, ativando nossas capacidades especificamente humanas. Tal decisão

favorece libertar os sintomas de vazio, preencher as lacunas da vida e ter consciência das múltiplas possibilidades que a vida nos oferece, além dos nossos problemas ou do modo como os enfrentamos. Nada melhor para superar a sensação de vazio que nos colocar com coragem, sinceridade e humildade frente a frente com o sentido da vida.

O sentido da vida se encontra na própria vida. Não é preciso acrescentar nada à vida para que ela tenha sentido. Eu sou o que me torno ou me torno aquilo que sou. No ser humano, porém, sempre é possível haver uma contradição entre o que somos e o que pretendemos ser. O esforço e o significado do ser humano consistem em eliminar essa diferença. Cada pessoa e cada situação concreta possui um significado particular. O sentido absoluto de tudo é impossível ao ser humano, pois a vida possui um supra-sentido que vai além daquilo que podemos entender e expressar.

Nem tudo o que existe é visível aos nossos olhos ou perceptível pela nossa razão ou sentimento. Para se perceber o supra-sentido da vida é preciso crer, pois o significado absoluto da vida é indemonstrável. Podemos perceber o supra-sentido de nossa vida observando como cada situação, cada acontecimento, cada fato que acontece na nossa vida e na vida da sociedade em geral, tem algo que está além do que podemos ver, ouvir e até mesmo tocar. Há momentos que somos mais sensíveis e podemos ver que nada, nada mesmo, é tão passageiro e simples. Na vida há algo além das aparências e que não morre nem quando passa.



José Alem é missionário claretiano, educador, comunicador e autor do livro: **Vida e Sentido**. Contato: josealem@bol.com.br



http://www.rpgamer.com/games/taftwifm/screencast_eye.jpg

O MINISTÉRIO DA CATEQUESE

Irmão Nery

A partir do *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*, nº 245, a Igreja no Brasil já pode, oficialmente, ter ministros da catequese.

1. Ministério. É colocar-se a serviço (múnus-stare) como um servidor humilde, pequeno, menor (minor). É cumprir com responsabilidade e competência uma tarefa, uma missão, um serviço confiado por uma autoridade, que é, no final de tudo, a responsável pela missão. A catequese é missão da Igreja. Os seus coordenadores, em nome dela, escolhem e conferem a certas pessoas a responsabilidade de realizar a catequese.

2. Critérios. O DNC oferece algumas condições para o Ministério da Catequese:

a) Plena ligação e dependência da catequese em relação ao Ministério da Palavra, do Anúncio da Boa Notícia de Jesus Cristo, da Sagrada Escritura, da Sagrada Tradição, do Magistério da Igreja;

b) Estabilidade. A pessoa precisa ter mostrado perseverança na ação catequética, ter se dedicado alguns anos à catequese e com eficiência;

c) Comunhão eclesial com os pastores da Igreja e com a comunidade eclesial. A catequese não é

uma tarefa individualista, mas comunitária, eclesial;

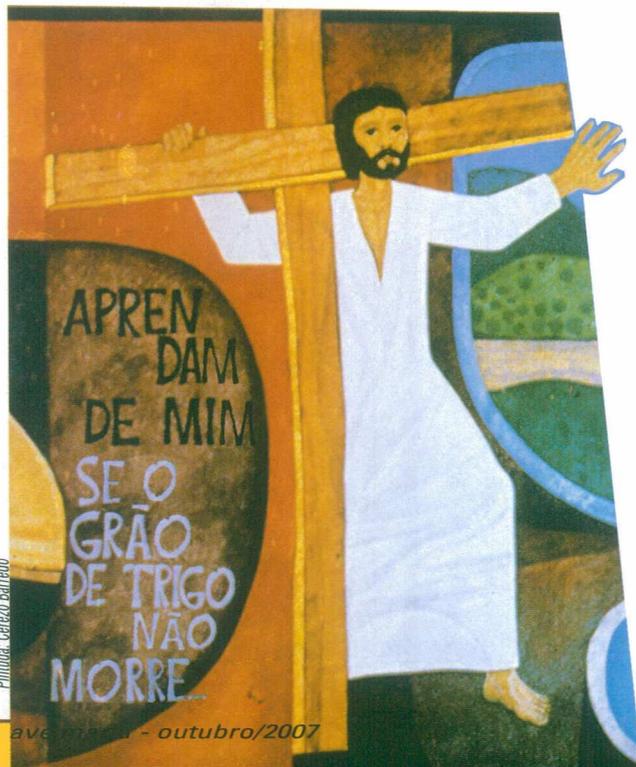
d) Eficiência na educação da fé, da caridade e da esperança de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Isso quer dizer competência, boa cultura, dedicação, vida de oração.

e) Disposição vocacional e missionária. A pessoa precisa ter demonstrado que vive a catequese como uma vocação, como uma missão.

3. Todos podem ser ministros da catequese? Em tese, sim, pois o catequista é pessoa batizada, crismada, participa da comunidade eclesial e se dedica à missão. Mas o Diretório Geral para a Catequese já em 1997, no nº 221, restringia esse ministério, dizendo: “Ainda, que toda a comunidade cristã seja responsável pela catequese, ainda que todos os seus membros devam dar testemunho da fé, somente alguns recebem o mandato de ser catequistas. Juntamente com a missão originária que têm os pais em relação a seus filhos, a Igreja confere oficialmente a determinados membros do povo de Deus, especificamente chamados, a delicada missão de transmitir a fé no seio da comunidade”. O nosso DNC segue as normas do DGC para introduzir no Brasil, de modo oficial, o ministério da catequese (cf. DNC 245, 14, 232).

4. Não banalizar este novo ministério. Para ser presbítero, religioso, diácono e para exercer qualquer outro ministério na Igreja há necessidade de um cuidadoso preparo e uma criteriosa análise das condições, dons, qualidades e vocação. O mesmo precisa acontecer para ser ministro da catequese. É preciso ter pessoas vocacionadas, preparadas, competentes, comunicativas, fraternas, engajadas, humildes, servidoras; pessoas de profunda espiritualidade e liderança.

Irmão Nery, fsc é presidente da SCALA (Sociedade de Catequistas Latino-americanos), autor de Natal, teologia, tradição e símbolos; Páscoa, teologia, tradição e símbolos, Ed. Santuário e em DVD - Série Sacramentos, Paulinas. Contato: irmery@yahoo.com.br



Pinhuda, Cereza Barreto

Rosário

O rosário é uma “coroa de rosas”. Um ramalhete de flores que oferecemos a Nossa Senhora. A palavra é de origem latina, *rosarius*. Surgiu a partir do século XIII, simbolizando as ave-marias que são recitadas na oração. Cada ave-maria simboliza uma rosa que depositamos nos braços da Virgem.

O rosário tem sua origem na palavra de Deus. Era costume nos mosteiros a recitação dos 150 Salmos, que eram divididos durante as várias horas do dia. No entanto, alguns monges, por serem analfabetos, e também os leigos que acompanhavam as orações nos mosteiros, substituíam os Salmos por 150 ave-marias. Elas eram divididas em três grupos de cinquenta e contadas a partir de nós feitos nos cordões. Em outros lugares, utilizava-se uma bolsa de couro contendo 150 pedrinhas.

Em 1365, o monge cartuxo Henrique de Kalkar separou as 150 saudações em dezenas, colocando entre elas um pai-nosso. Surgia então o modelo do rosário atual.

Em 1700, com São Luiz de Montfort, as dezenas ganharam uma introdução. Antes de cada uma delas, colocaram-se reflexões sobre os principais momentos da vida de Jesus. É o que conhecemos por mistérios.

Os mistérios, contemplados no rosário, apresentam as etapas fundamentais da vida de Jesus Cristo: anúncio da encarnação, nascimento, adolescência, vida pública, paixão, morte, ressurreição e ascensão. Eles destacam também os fatos principais da vida de Nossa Senhora.

O rosário, em sua estrutura tra-



dicional, contemplava três séries de mistérios: mistérios da alegria (gozosos), da glória (gloriosos) e da dor (dolorosos). Quando se rezava uma série desses mistérios, ou seja, 50 ave-marias, dizia-se que tinha rezado “um terço”.

Em outubro de 2002, o Papa João Paulo II completou a reflexão dos mistérios, acrescentando os “mistérios luminosos”, que dão especial relevo à vida de Jesus, valorizando a solidariedade entre os casais, a Igre-

ja missionária, o Reino de Deus e a Eucaristia.

Na Carta Apostólica “Rosarium Virginis Mariae”, escrita em 2002, por João Paulo II no Ano do Rosário, o Papa quis explicitar as riquezas contemplativas dessa “oração tradicional”, que se consolidou amplamente no povo de Deus. Segundo o Papa, o rosário é “um caminho privilegiado para contemplação do rosto de Cristo na escola de Maria”.

Em “Rosarium Virginis Mariae”, João Paulo II vai muito além da simples devoção individual. Ele propõe um programa pessoal e comunitário de oração mariana que produz também muitos “frutos de caridade”. Isso porque o rosário é “oração de paz também pelos frutos de caridade que produz” (n. 40).

Ele refere-se à caridade cristã, que Leão XIII considerava a base da convivência civil pacífica. Essa caridade depende largamente da oração, sobretudo da que se exprime na recitação do rosário.

Os mistérios gozosos contemplam a vida escondida do Menino Jesus e estimulam a aceitar e a promover a vida. Nos mistérios da luz contempla-se o anúncio do Reino de Cristo e isso leva a viver as bem-aventuranças na vida cotidiana. Nos mistérios dolorosos fixa-se o olhar em Cristo crucificado e isso exige que nos inclinemos, como cireneus, sobre o homem que sofre. Nos mistérios gloriosos contempla-se Cristo ressuscitado, o que significa comprometer-se a contribuir para renovar todas as coisas.

Maciel M. Claro é sacerdote, missionário claretiano. Contato: maciel@avemaria.com.br

Ave, Maria, cheia de graça,
o Senhor é convosco.

Bendita sois vós entre as mulheres.
Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus,
rogai por nós, pecadores,

Agora e na hora de nossa morte...

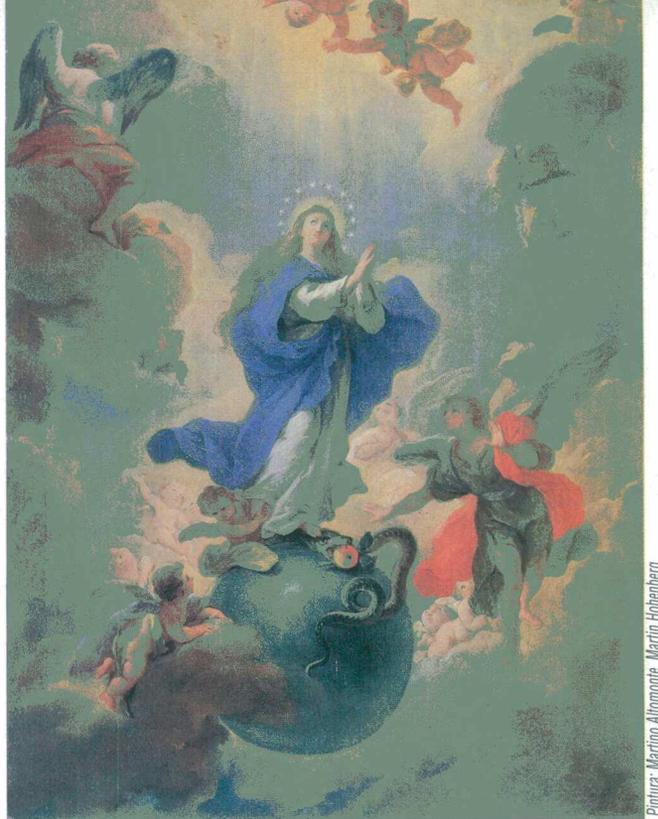
Nilton César Boni

Há algum tempo fui orientar um retiro para casais e um dos participantes se manifestou dizendo: “padre, em vez rezar *agora e na hora de nossa ‘morte’*, posso substituir essa palavra por vida, necessidades, encontro...”. Perguntei por que ele fugia da palavra morte. E naquele momento ele caiu em si e disse: “realmente vou passar a rezar esse trecho da ave-maria como ele é”.

Um fato simples que revela nossa atitude de rejeição diante da morte, ou melhor dizendo, a nossa falta de compreensão acerca desse evento tão forte em nossa vida.

Muitas pessoas sofrem pelo simples fato de pensar na morte e se angustiam porque a vêem como uma fatalidade ou o fim de tudo. O medo diante da morte pode ser suavizado com a sua aceitação durante a vida, integrando-a no cotidiano com sentido e esperança. Professamos nossa fé na vida eterna. A vida eterna é a concretização da história que já começamos, ou seja, é a continuidade do que somos. Rejeitar a morte é faltar com o sentido para a vida.

Quando pedimos a Nossa Senhora que interceda por nós na hora da morte, começamos a tomar consciência da nossa existência. Passamos a ver a realidade do mundo e as pessoas que nos rodeiam como instrumentos de Deus, e desabrochamos para entender o mistério que essa passagem comporta. Pedimos a Maria que mantenha viva nossa esperança para estarmos um dia na glória reservada a todos os que amam e vivem sua caminhada de



Pintura: Martino Altomonte - Martin Hohenberg

fé, com alegria e prazer. Pedimos a Maria que ela trabalhe nosso coração para acolher essa passagem com tranquilidade e sem revoltas. Pedimos também o crescimento espiritual a fim de entender que esse encontro com Deus é necessário, pessoal e santo.

Diante da morte, resta-nos acolher a inefável presença amorosa de Deus. Encontraremos-nos com a essência da nossa vida, com o verdadeiro tesouro que tanto buscamos e certamente com todos aqueles que amamos e nos relacionamos. Por isso, a relação com a morte começa na vida participada e responsável.

Maria no Calvário compreendeu o que significava a morte. Ela mesma a experimentou quando cada espada de dor transpassava seu coração e nem por isso abandonou o Filho. No Calvário, aos pés da cruz, tornou-se nossa intercessora na vida e na morte. Maria reconhece, portanto, a ação do Senhor nessa delicada hora e por isso mesmo está mais próxima dos seus filhos, amenizando a agonia, o medo e fortalecendo nossa esperança, conduzindo-nos à perfeita presença da luz e nos aproximando do coração de Deus. Lá estaremos todos e contemplaremos a infinita bondade que nos resgata. Que nossa morte seja santa, humilde, consciente, alegre como a vida que vivemos. Sem sentido para a vida é impossível compreender a morte.

Nossa Senhora da Boa Morte, ficai conosco!



Pe. Nilton César Boni é sacerdote, missionário claretiano Contato: nilton@claretianas.com.br

Senhora da Ínsua

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR...

Pe. Roque Vicente Beraldi

Por volta do ano de 1502, el rei dom Manuel de Portugal visitou a capela conhecida pelo nome de Ínsua, deformação da palavra latina *Insula* que significa ilha. O rio Minho, entre a vila “Caminha” e a aldeia de “Passagem” na Galiza, realmente forma uma ilha.

Há nesse lugar uma antiga fortaleza militar, onde os padres capuchinhos mantinham a ermida dedicada à Nossa Senhora da Salva. Salva porque os marinheiros, quando regressavam de longas viagens marítimas, saudavam a santíssima Virgem com uma “salva de artilharia”.

O local estratégico se tornou ponto de peregrinação principalmente porque era convicção popular que a Imaculada Conceição havia protegido o povo da região contra corsários que freqüentemente a pilhavam.

Considerando a grande afluência de romeiros, os franciscanos ampliaram a igreja. Mais tarde, em 1548, o Infante dom Luís (filho de dom Manuel), também visitou a venerada imagem mariana. Ela é apresentada com o menino Jesus ao colo.

Além das permanentes homenagens, todos os anos, em 10 de julho, o povo passou a promover solenidades com missa, pregação de sermões e procissão ao som de “devotas cantigas”. Não podia faltar, entre as atividades festivas, a demonstração de fogos de artifício. Conservava-se aí também, algumas pinturas de origem flamenca, oferecidas pela Princesa d. Isabel, em 1581.

É admirável como o povo portu-



Pintura (detalhe): Imaculada Conceição, 1483-1500, Raphael

guês de tudo se vale para homenagear à santíssima Virgem. Ora um passo alegre, ora triste, tanto da vida nacional como pessoal, um evento feliz ou doloroso constitui motivo para elevar hinos de louvor. O local, a profissão... Os teólogos aplicam a mística; os poetas, a imaginação fecunda. A escultura mostra imagens. Os músicos compõem lindas e celestiais melodias. Tudo canta a gratidão.

Frei dom Francisco Rendeiro, OP, em 1967, bispo coadjutor de Coimbra, externou sua alegria pela devoção do povo a Nossa Senhora quando disse: “Portugal é certamente um dos países em que este culto aparece com mais exuberância e, ao mesmo tempo, com mais simplicidade. Dificilmente se poderão contar as igrejas e capelas, os santuários e as imagens de todas as invocações espalhadas pelo território português, que bem merece o nome de Terra de Santa Maria”.

Pe. Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

Oração

Ó Deus, que não fazeis acepção de pessoas, mas sabeis recompensar quem se dedica a bendizer-vos e servir-vos, humildemente vos pedimos: aceitai nossos cânticos de louvores por nos ter dado como intercessora a tão terna amorosa e benigna Maria, mãe de vosso Filho, que convosco vive e reina para sempre. Amém.

Lamaçal



Fábio Davidson

As vezes sinto que, ao invés de estarmos no globo terrestre, estamos caminhando sobre uma verdadeira e enorme areia movediça. As notícias revelam “laranjas” daqui, “jeitinhos” dali, e as instituições nacionais acabam por espelhar aquilo que a sociedade ainda não conseguiu eliminar ou, pelo menos, diminuir: a corrupção.

Eu posso afirmar que nunca saí por aí com dólares na mala ou escondidos em meus trajes íntimos. E, provavelmente, você também não. Mas se a acusação for outra? Por exemplo:

- “Molhar” a mão do policial ou fiscal para não levar uma multa (seja no carro, seja no comércio);
- Deixar de cobrar uma nota fiscal para obter um maior desconto;
- Arranjar uns recibos médicos para “incrementar” o Imposto de Renda;
- Comprar softwares, CDs de música e DVDs de filmes, todos piratas (afinal o original é muito caro...);
- Colocar uma fita adesiva na placa do carro para escapar do rodízio (isso para o pessoal da capital paulista);
- Se for convidado, topar virar as-

essor parlamentar (sem trabalhar), “devolvendo” parte (a maior, é claro) de seu salário para o político que o contratou;

- “Esquecer” de devolver o trocado a mais.

Melhor parar por aqui. Assim como a Economia tem sua visão “micro” e “macro”, acredito que a corrupção também. O ser humano é ganancioso. E sua ganância varia de acordo com a oportunidade que estiver à sua frente. Mas desde o troco da padaria recebido a mais e não devolvido, até a “gratificação” nas licitações para beneficiar alguém específico, a palavra central esquecida é: Ética.

Com certeza não há falta de denúncias através da mídia. O problema é que — assim como a violência e o terror são cada vez mais banalizados, pois assistimos a tudo confortavelmente da nossa poltrona em nossas televisões, tomando um gole de refrigerante como se estivéssemos assistindo a um filme —, também aprendemos a assistir às CPI’s “via Embratel” como se fosse mais uma das muitas novelas ou até mesmo um *reality show*. “Será que alguém vai

se estapear? Alguém será xingado?”

Nós, cidadãos, precisamos eliminar a distância entre aqueles que nos representam (ou deveriam fazê-lo). Devemos encarar nossos nobres legisladores, cobrar uma postura ética, visando o bem público e não o bem particular.

Culpamos o Poder Executivo pelas penumbras do país (e este possui, sim, uma grande parcela de culpa), mas esquecemos que a grande parte do poder está no Legislativo, nas mãos de deputados e senadores que não representam o povo brasileiro e que, quando suas maracutaias são descobertas, conseguem amarrar as apurações internas e até mesmo o Judiciário, com as mais vis artimanhas para saírem ilesos.

O silêncio imposto pela ditadura não pode dar origem ao silêncio do descaso, da falta de ação, do medo de protestar. A democracia já está amadurecida. Como afirma a canção de Beto Guedes: “A lição sabemos de cor, só nos resta aprender”.



Fábio Davidson, cristão protestante, é jornalista. Mantém os blogs *DoxaBrasil* <<http://doxabrasil.blogspot.com>> e *Confraria Ekklesial* <<http://confrariaekkesial.blogspot.com>>. Contato: f.davidson@gmail.com

O canto ao longo do ano litúrgico

Ir. Míria T. Kolling

Somos seres que vivemos no tempo, e a liturgia cristã é celebrada no decorrer dos dias, meses e anos. Nossas festas e celebrações também, expressando o sentido da vida humana à luz e a partir do Mistério Pascal de Jesus Cristo, que é o mistério central da nossa fé. Assim, “o ano litúrgico é o ciclo das festas nas quais celebramos, durante o ano, a obra de Cristo, a nossa salvação, sob vários aspectos” (Pe. Gregório Lutz, em *Liturgia – a família de Deus em festa* – EP, p. 65). A cada ano nós, cristãos, revivemos e fazemos memória dos principais acontecimentos da vida do Senhor Jesus: seu nascimento, morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo... Nossa vida é marcada pelo tempo que é história da salvação: *Chegada a plenitude dos tempos, Deus nos enviou seu Filho* (Gl 4,4) que, com sua Encarnação, inaugurou o novo e definitivo “tempo favorável” à salvação, até sua realização plena, na parusia.

O Ano Litúrgico dos cristãos se origina do povo judeu, que também tinha o seu, marcado sobretudo pelas festas ligadas à natureza e à vida, que sempre se tornavam religiosas, tendo como acontecimento central a saída e libertação do Egito (Páscoa). A Aliança oferecida e aceita no Monte Sinai (Pentecostes) e a festa das colheitas (Tabernáculos), tornaram-se, além de outras menores, festas memoriais, recordando e atualizando através de ritos, palavras, gestos e cantos a salvação realizada por Javé. Nossa liturgia cristã bebeu dessa fonte pura, aprendendo com o povo judeu a ver e celebrar no tempo a intervenção do Deus que salva, salvação esta levada à plenitude por Jesus Cristo. No Verbo Encarnado, o amor de Deus continua irrompendo em nossa história, visitando e libertando o seu povo, realizando maravilhas entre nós...

O Tempo Litúrgico tem, pois, como unidade central o Ano – tempo da graça do Senhor, tempo da plenitude, tempo da Igreja que nasce da Páscoa de Cristo, e cuja presença entre nós é para sempre: o Cristo Ressuscitado caminha conosco rumo ao Reino definitivo. O tempo da liturgia, além de se organizar pelos ciclos naturais do dia, mês e ano, destaca-se pe-

lo ciclo cultural-religioso da semana de sete dias, tendo o domingo como referência central, pois “no primeiro dia da semana” o Senhor ressuscitou, chamado por isso o “Dia do Senhor” ou “Domingo”. Assim, esse “grande dia de festa” se tornou para a Igreja apostólica e para nós, hoje, um dia consagrado, onde os cristãos se reúnem para celebrar a memória da morte e ressurreição do Senhor. O domingo é o dia da nossa páscoa semanal, através da celebração da eucaristia, memorial da Páscoa de Jesus, por isso mesmo, dia de festa e alegria, antecipação do banquete eterno!

O Ano litúrgico é um caminho pedagógico-espiritual para nossa vivência cristã, um instrumento de salvação e comunhão, um meio para santificar e viver o tempo da graça do Senhor; com ele, desdobramos ao longo do ano os principais acontecimentos da vida de Jesus, partindo da sua Encarnação (Natal) e culminando na Ressurreição e glorificação (Páscoa). A partir dessas duas festas básicas, foram surgindo ao longo do tempo outras festas do Senhor, dos mártires, de Nossa Senhora... Portanto, é à luz do único mistério salvador que celebramos e cantamos NO TEMPO a nossa redenção. Mistério profundo e inesgotável, que se desdobra no chamado Tempo Comum e que o canto deve expressar, acompanhando o sentido do Ano Litúrgico e suas festas.

Daí a necessidade de se buscar e aprofundar a espiritualidade dos diversos Tempos Litúrgicos para adequar a música e o canto ao mistério de Cristo, sempre o mesmo, mas vivido e celebrado de forma diferente no hoje da salvação. Para cada tempo e cada momento especial dentro do Ano Litúrgico, há gestos, símbolos, ritos e cantos próprios que nos ajudam a mergulhar no mistério do Senhor!

“A Igreja considera seu dever celebrar com sagrada memória, em dias determinados, durante o ano, a obra da salvação do seu esposo divino” (*Sacrosanctum Concilium* – Vaticano II, p. 102). 

Irmã Míria Therezinha Kolling é religiosa da Congregação do Imaculado Coração de Maria, compositora de música litúrgica e religiosa. Ministra cursos de canto pastoral em todo o Brasil. Contato: <www.irmamiria.com.br > <miko3@superig.com.br>

Família, escola e educação

Aparecida Eunides e João Bosco Lugnani

“Os homens todos, de qualquer raça, condição e idade, em virtude da dignidade de sua pessoa, gozam do direito inalienável à educação...” (GE 1 - Gravissimum Educationis - Declaração sobre a educação cristã).

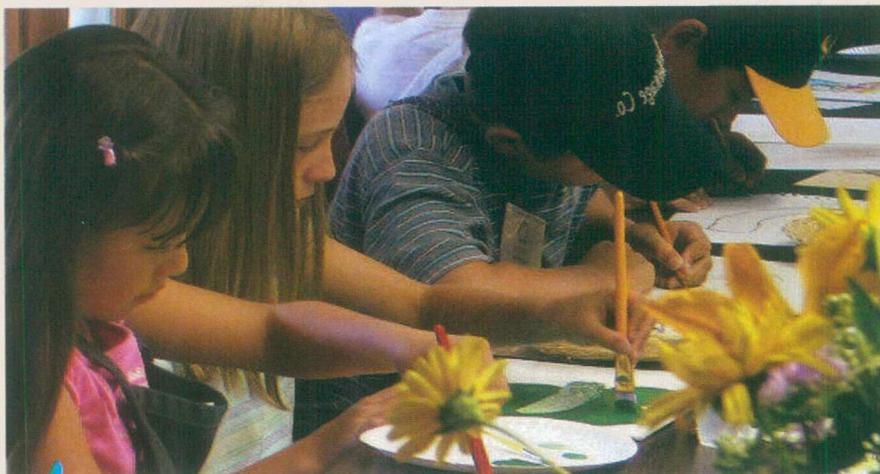


Foto: arquivo

E fácil concordar com o documento do Vaticano II, principalmente nos dias em que vivemos, quando o acesso à informação depende em grande parte do acesso à educação formal. O documento afirma ainda: “porque deram vida aos filhos, contraem os pais o dever gravíssimo de educar a prole. Por isso não de considerar-se como seus primeiros e principais educadores ... Essa tarefa educacional se revela de tanta importância, que onde quer que falhe, dificilmente poderá ser suprida.” (GE 3).

Muitos pais não têm consciência da dimensão dessa tarefa e outros não conseguem se ater a ela. Na prática, alguns escolhem uma boa creche ou escola para os filhos e assim têm onde deixá-los, delegando toda a responsabilidade de educar. Outros, quase escravizados pelo trabalho e com pouca escolaridade, se dão por satisfeitos ao conseguirem uma vaga para o filho, sem se preocupar com a qualidade do ensino.

É preocupante ver pais, ricos ou pobres, ausentes ou omissos no processo educativo dos filhos e no conhecimen-

to dos professores e da própria mentalidade da escola.

A Igreja nos orienta que os pais são os primeiros educadores. E quando falamos de educação, vamos além do processo intelectual e informativo no qual a escola tem papel primordial. Estamos preocupados com a educação para os relacionamentos, com a formação integral, humana e cristã das novas gerações.

O não-cumprimento pelos pais de seu papel nessa formação é uma das principais causas de escândalos que acumulam nossos noticiários: ações de corruptos, a maioria dos quais passou pelas melhores escolas; o crescimento da violência - alunos que agredem professores, grupos que espancam mulheres e que põem fogo em indigentes nas ruas, jovens que matam e morrem; etc.

A educação que forma valores, que de fato forma cidadãos, exige uma boa escola, mas não pode jamais dispensar a participação da boa família. E boa família não é aquela que não tem problemas, mas a que, apesar dos problemas, consegue ensinar valores através da vivência e do exemplo.

Os pais, em geral, estão carentes de orientação e ajuda para o exercício dessa educação integral que é indispensável para os filhos e para a sociedade. Nesse desafio a Pastoral Família tem grande oportunidade. Para isso precisa se estruturar e formar seus agentes.

Gostaríamos de convidar cada pai e mãe ou responsável por uma família a refletir conosco na importância do seu papel na formação dos filhos que Deus lhes confiou. E nessa reflexão, valorizar o tempo e o tipo de relacionamento que temos com eles; valorizar nossa proximidade com a escola, fazendo parte do processo desde a matrícula e durante todo o seu desenvolvimento para colaborar, lutar junto, e também criticar e cobrar quando necessário. Não temos dúvida de que a escola necessita dessa participação dos pais. E os maiores beneficiados serão nossos filhos, que serão cidadãos mais conscientes de seu papel na sociedade e na construção do reino de Deus.

“Entre todos os instrumentos da educação, possui a escola importância peculiar...constitui ela uma espécie de centro em cuja operosidade e progresso não de participar, unidos, as famílias, o professorado, as associações de diversos tipos que promovem a vida cultural, cívica e religiosa, a sociedade civil e toda a comunidade.” GE

Com essa reflexão, queremos deixar nossa gratidão a todos os professores que se dedicam, junto com as famílias, à formação dos futuros homens e mulheres do povo de Deus. 

Aparecida Eunides e João Bosco Lugnani, do grupo de Formação Presencial do Instituto Nacional da Família e da Pastoral Familiar - CNBB.

Curar se for possível, cuidar sempre!

Pe. Ricardo Hoepers

Eles estão nos hospitais, em casas de repouso, asilos e dentro de muitos lares. Estou falando daquelas pessoas que se encontram no chamado estado vegetativo. Esse termo, apesar de um tanto inadequado, quer significar exatamente a situação em que se encontra o paciente: um estado de não-reação por um período persistente. Sem dúvida, esse é um tema da bioética cristã e deve ser refletido por todos, principalmente porque ninguém está isento de, um dia, encontrar-se nessa situação.

Não quero entrar aqui em detalhes técnicos da medicina para explicar causas e efeitos. O que precisamos estar atentos é para os dilemas éticos e a posição cristã frente ao estado vegetativo.

O Papa João Paulo II já havia alertado sobre o uso inadequado do termo. O adjetivo 'vegetativo' não expressa o sentido profundo da situação do paciente, pois estamos tratando de pessoas humanas que têm dignidade e devem ser respeitadas. O primeiro ponto a ser considerado é que a dignidade de cada ser humano não se altera, quaisquer que sejam as circunstâncias de sua vida. Aqui está, portanto, a base pela qual todo doente deve ser tratado. Um ser humano, encontrando-se gravemente doente ou impedido do exercício de suas funções mais nobres é, e será sempre, um ser humano, nunca se tornará um "vegetal" ou um "animal", afirma o pontífice.

A partir disso, a Igreja busca resgatar o que há de essencial na nossa natureza, e não tem como parâmetro só a qualidade de vida, mas também a sacralidade da vida.



<http://www.claudiofmd.com.br/portfotio/advert/images/Ricardo-Hospital.jpg>

A solidariedade humana e cristã nos leva ao compromisso ético de dar todo o suporte necessário para as pessoas que se encontram em tal situação. Por isso, são imprescindíveis os cuidados na alimentação, hidratação, higiene e em todas as ações necessárias para garantir a dignidade do paciente. Também pelo fato de ficar muito tempo na cama, é necessário prevenir quanto às complicações que o corpo pode sofrer, procurando o máximo de atenção quanto ao ambiente e móveis adaptados para o paciente.

A alimentação e a hidratação são atos fundamentais de preservação da vida e, portanto, obrigatórios como meio ordinário e proporcionado. Não podemos aceitar pelo longo período que o paciente se encontra em estado vegetativo seja motivo para a interrupção desses cuidados. Não prover alimentação e hidratação pode levar a morte devido à fome e à sede, ferindo nossa ética cristã de

antecipar a morte por omissão. Não temos esse direito, pois é "uma grave violação da Lei de Deus, porque representa a morte deliberada, moralmente inaceitável, de uma pessoa humana" (*Evangelium Vitae* n.65).

Pode acontecer que muitas famílias se sintam pressionadas pelos fatores psicológico, econômico e social. Manter alguém nessas condições pode levar a um desgaste familiar. Em tal situação devemos considerar que as aparências não podem confundir nossa essência e a dignidade de filhos de Deus da qual somos dotados. O valor da vida de um ser humano não pode ser limitado a juízos de qualidade que a sociedade impõe sobre até quando devemos viver ou não. Com a vida não podemos fazer negociações. Ela é um bem inalienável e não objeto descartável.

Que todos nós, cristãos, possamos apoiar as famílias que estão vivendo essa situação para que não se sintam sozinhas e possamos oferecer estruturas de acolhimento, que ninguém se sinta abandonado e sem apoio. O estresse moral e psicológico que essas famílias passam é indescritível, por isso devemos procurar dar assistência através de iniciativas concretas de solidariedade.

A Pontifícia Academia para a Vida diz claramente que o doente em estado vegetativo não pode ser considerado um "peso" para a sociedade, mas sim um desafio para implantar modelos novos e mais eficazes de assistência e de solidariedade social. 

Pe. Ricardo Hoepers é mestre em Educação pela PUC/PR e professor de Bioética e Moral Sexual do Studium Theologicum de Curitiba, PR. Contato: rhoepers@uol.com.br

E A FAMÍLIA?...

Uma visão sistêmica da família (4)

Vítor Pedro Calixto dos Santos

Todos nós estudamos durante nossa formação acadêmica as leis da natureza, e temos acompanhado as notícias do aquecimento global e suas conseqüências. Trata-se de alteração de leis que governam o ecossistema, ou seja, o sistema ecológico, o qual, desequilibrado, passa a funcionar de maneira irregular: temperaturas muito altas ou muito baixas, chuvas exageradas, furacões e todas as demais alterações climáticas.

O sistema familiar também possui leis ou regras, assim como o governo, e qualquer alteração nessas leis também provoca mudanças climáticas nas relações do casal e da família. De fato, o clima fica tenso e podem surgir conflitos, mal-entendidos, brigas, sentimentos de raiva, ódio, mágoa, tristeza, solidão, etc.

Isso coloca o sistema em estado de alerta e, se não forem encontradas e solucionadas as causas da alteração climática, pode ocorrer a falência do sistema como é o caso das separações.

As leis ou regras que governam o sistema conjugal (e familiar) representam as definições, as crenças, as representações implícitas e explícitas que marido e mulher possuem em relação ao seu relacionamento recíproco.

Essas regras são essencialmente de três tipos:

1. As regras explícitas – que foram declaradas e acordadas

por ambos os cônjuges: a mulher lava os pratos e o marido os enxuga, o marido leva as crianças para a escola e a mulher as busca, etc.

2. As regras implícitas – são aquelas que o casal não declara explicitamente, mas sobre as quais concordariam se devessem opinar – o marido e a mulher sempre devem se comunicar quando se atrasarem.

3. As regras secretas – são aquelas que um observador atento pode perceber, mas que se forem explicitadas, os cônjuges ou, pelo menos, um deles as negará – o marido boicota as festas que a mulher organiza porque tem ciúme de seu sucesso com os amigos.

Na relação conjugal (e familiar) algumas regras são mais importantes que outras e por isso são chamadas regras de base, e dada sua importância no equilíbrio do sistema não devem ser infligidas. Quando não são cumpridas, a estabilidade do sistema corre grave perigo – por exemplo: a mulher não deve confidenciar-se com as amigas ou o marido não deve olhar para outra mulher na presença da esposa, etc.

As demais regras são consideradas secundárias e quando não são

cumpridas, pode surgir algum atrito, mas a estabilidade do sistema não é abalada em profundidade.

Por isso é que desde que se conhecem (durante o namoro e noivado) e depois que se casam, os cônjuges devem saber com clareza quais são as regras que governam sua relação. Alguns conflitos conjugais graves e até insolúveis são resultado, na maioria das vezes, da pouca clareza das regras ou da presença de regras incompatíveis entre si.

De tal falta de clareza originam-se também as punições que cada um dos cônjuges sofre por ter quebrado uma regra. Muitas vezes o cônjuge punido não sabe porque o outro se isolou ou está agressivo – a mulher fica magoada e se isola, mas o marido não sabe que isso é uma punição porque ele se esqueceu do aniversário de casamento, ou o marido é o que se isola e pune a mulher que não sabe que deveria ter avisado que chegou bem em sua viagem.

Como se vê, tudo isso envolve a comunicação entre os cônjuges e muitos conflitos dependem das regras, mas talvez eles sejam conseqüência mais da falta de clareza e de comunicação dessas regras.



Vítor Pedro Calixto dos Santos, cmf, é sacerdote claretiano, psicólogo clínico, prof. de Psicologia Religiosa em Curitiba, PR. Contato: vpcsantos@uol.



Vamos cozinhar?!



ENTRADA

SALADA MISTA

Ingredientes

1 chuchu
3 batatas
2 cenouras
2 ovos cozidos
Fatias de tomate
200 g de vagens
1 maçã crua picada
1/2 couve-flor pequena
Folhas de alface, molho vinagrete, salsa picada e uma xícara/chá de maionese.

Modo de preparar

1. Descasque, pique e cozinhe na água com sal, o chuchu, as batatas, as vagens, a couve-flor e as cenouras.
2. Escorra e tempere-os, ainda quentes, com o molho vinagrete e a salsa. Deixe algum tempo no tempero, depois escorra bem e junte a maçã picada. Acrescente metade da maionese e misture bem.
3. Arrume tudo em um prato e enfeite com folhas de alface ao redor.
4. Cubra a salada com o restante da maionese e enfeite com fatias de tomate e de ovos cozidos.

PRATO PRINCIPAL

PUDIM DE CARNE

Ingredientes

3 ovos
300 g de carne
3 fatias de presunto
10 azeitonas verdes picadas
3/4 de copo de molho branco
3 colheres/sopa de queijo ralado
3 colheres/sobremesa de margarina
1 cebola ralada, cheiro-verde, sal, pimenta-do-reino, 1 folha de louro e purê de tomate.

Modo de preparar

1. Moa a carne juntamente com o presunto.
2. Refogue a cebola na margarina e junte a carne moída.
3. Acrescente sal, pimenta, cheiro-verde, louro e um pouquinho de purê de tomate.
4. Deixe esfriar e acrescente o molho branco, os ovos ligeiramente batidos, o queijo ralado e as azeitonas picadas.
5. Misture bem e despeje a massa numa forma untada com margarina e polvilhada com farinha de rosca.
6. Leve ao forno para assar.

SOBREMESA

BANANAS AO RUM

Ingredientes

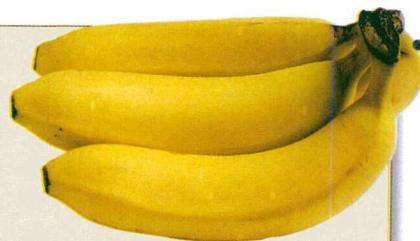
1 gema
Açúcar a gosto
1 copo de leite
6 bananas-nanica
1 colher/sopa de rum
1 colher/sopa de maisena
1 colher/chá de margarina
Cwwwalda de açúcar queimado

Suspiro

2 claras em neve
4 colheres/sopa de açúcar.

Modo de preparar

1. Cozinhe as bananas na calda do açúcar queimado até que as bananas amoleçam e a calda engrosse. Ponha num pirex.
2. Leve o leite ao fogo. Quando ferver, junte a maisena dissolvida num pouco de leite frio.
3. Acrescente o açúcar. Mexa até engrossar, então adicione a gema batida com o rum, misture bem até começar a formar bolhas e tire do fogo. Junte a margarina, mexa bem e despeje sobre as bananas.
4. Bata as claras em neve, acrescente o açúcar, bata mais um pouco e leve ao forno para esse suspiro corar.





BEM! VAMOS APROVEITAR QUE JÁ ESTÃO "TONTOS" E CAPTURÁ-LOS!! HEHEHE!

ENTÃO...

AAHH!!

AI, MAMÃE!!!

IÁÁÁÁÁ!!!

AQUI ESTÃO ELES, CACIQUE!

MUITO BEM! JÁ CHAMAMOS O IBAMA!

FOI O CURUPIRA!
FOI O CURUPIRA!!

FIUUUUU!!!!

AAAAAHHHH!!!

HAHA!! IMAGINE SE FOSSE O CURUPIRA MESMO, HEIN, CASSILDA!???

DO JEITO QUE A COISA ANDA, A MATA PRECISA DE TODA AJUDA POSSÍVEL, NÉ!!?

fim

Carta da Terra

A Terra é nossa casa.
 Nós vivemos num momento muito importante em que temos
 que conservar a Terra.
 Todos os povos do mundo formam uma grande família.
 Façamos a maravilhosa tarefa de **RESPEITAR A NATUREZA**
E VIVER EM PAZ.
 Somos parte do grande Universo.

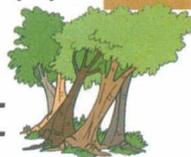
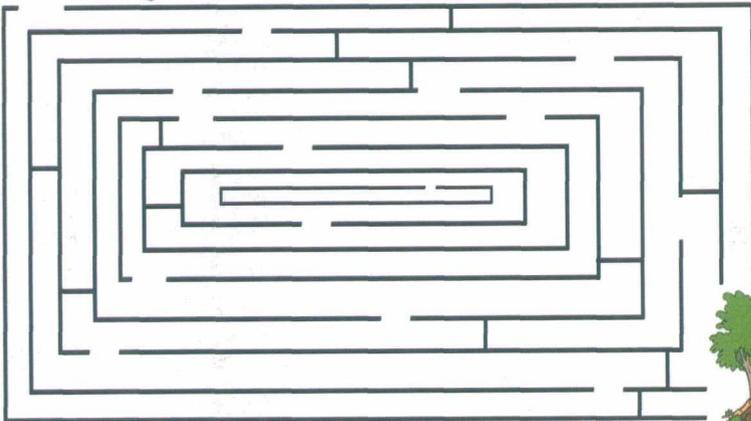
Conheça e respeite as pessoas, animais e plantas
 Porque são seres vivos.
 Porque são necessários.
 Porque produzem coisas úteis e bonitas.

Ajude os amigos e amigas e lhes oferte a sua amizade
 Porque eles precisam de você, da sua iniciativa e da sua
 amizade.
 Porque pode fazer muito por eles e por elas.
 Porque você quer compartilhar.

Respeite sempre estas três coisas:
 A vida de todos os seres vivos.
 Os direitos de todas as pessoas
 O bem-estar de todos.



Ajude o cacique a sair do labirinto
 para salvar sua amigas árvores!



Por que a árvore está triste?

Para descobrir, coloque a letra de cada figura em seu lugar indicado!

10 14 2 11 14 8 10 13 12 3 8

11 3 11 14 7 3 6 4 10 3

3 3 12 3 1 3 8

12 9 15 3 2

3 8 5 9 8 14 2



QUANTAS PEGADAS VOCÊ VÊ AQUI?



CLARET

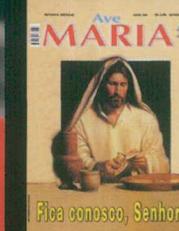
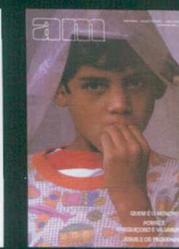
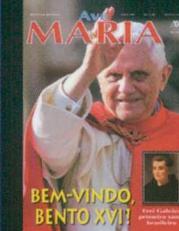
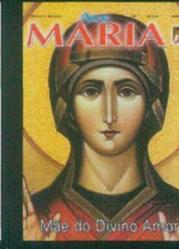
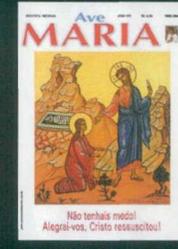
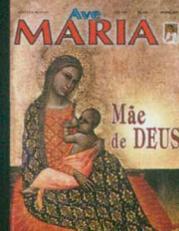
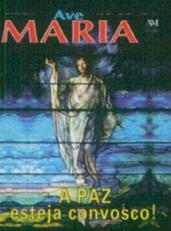
diseño ECCLA Chile



Nascido para evangelizar



Bicentenário do nascimento de Santo Antônio Maria Claret



ASSINE A REVISTA

Ave MARIA 109 anos

A PRIMEIRA REVISTA MARIANA DO BRASIL

12 EDIÇÕES

por apenas **R\$ 30,00**

0800 555 021

www.avemaria.com.br/revista